



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Allyne de Oliveira Andrade

A DIMENSÃO SATÍRICA DA POESIA DE LUIZ GAMA

CAMPINA GRANDE

2016

ALLYNE DE OLIVEIRA ANDRADE

A DIMENSÃO SATÍRICA DA POESIA DE LUIZ GAMA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A553d Andrade, Allyne de Oliveira.
A dimensão satírica da poesia de Luiz Gama / Allyne de Oliveira
Andrade. – Campina Grande, 2016.
72 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) –
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".
Referências.

1. Poemas Satíricos. 2. Luiz Gama. 3. Sátira. 4. Romantismo.
I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-17(043)

ALLYNE DE OLIVEIRA ANDRADE

A DIMENSÃO SATÍRICA DA POESIA DE LUIZ GAMA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves
Orientador (a) – UFCG

Prof. (a). Examinador (a)1
Paloma do Nascimento Oliveira

CAMPINA GRANDE - PB

2016

Dedico esse trabalho aos meus queridos pais, Rosane e Judas Tadeu, que sempre fizeram o melhor por mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da minha fé, por ser minha força e esperança em todos os dias.

Aos meus pais, Rosane de Oliveira Almeida e Judas Tadeu de Andrade, pelo amor incondicional, pelas orações, por terem acreditado em mim e me apoiado desde os primeiros passos até a formação acadêmica.

Aos meus irmãos, Wenderson e Emanuel pela torcida ao longo dessa trajetória.

A minha irmã de coração, Gilcléa Monteiro, por ter estado comigo nos momentos bons e ruins, por toda cumplicidade, amor e confiança.

Ao meu sobrinho lindo, João Bredley pelo seu sorriso doce de sempre.

Às minhas tias, Rejane, Geane, Edjane, Eliane, Roseane, Cristiane e Maria Francisca, por todo carinho, ajuda e por me incentivarem a estudar desde pequenininha.

À minha avó, Lindalva de Andrade, por todo incentivo aos estudos.

Aos meus avós, Maria Salete de Oliveira, João de Oliveira e Francisco Antônio de Andrade - que me deixaram com uma saudade enorme - tenho certeza que sentiriam orgulho de sua neta.

Aos demais familiares que contribuíram de alguma forma para minha formação.

Ao meu amor, Rinaldo de Fernandes, pela serenidade ofertada em cada olhar. Pelo seu carinho, companheirismo e cumplicidade em todos os momentos.

Ao meu orientador, José Hélder Pinheiro Alves, que considero um exemplo de professor, pesquisador, amigo e conselheiro. Por ter despertado em mim a paixão pela poesia através de suas aulas sempre encantadoras e envolventes. Pela paciência, disposição, ajuda e incentivo ao longo desses cinco anos de graduação.

À professora Paloma Oliveira, por ter tido o prazer de ser sua aluna, por aceitar participar da banca examinadora e apresentar ricas contribuições e sugestões para o bom desenvolvimento do trabalho.

A José Mário da Silva, meu professor da vida e meu segundo pai, por todo incentivo, pelas “fraternuras”, pelas palavras carinhosas, de bom ânimo e pelas orações que me fortaleceram nos dias mais difíceis.

Às minhas companheiras e amigas da graduação, Pollianny, Selma, Keity, Rafaela, Meriângela e Alexandra, foram tantas histórias juntas, tantos trabalhos produzidos...por todas as bagunças na graduação, pelos momentos divertidos em Recife e por terem acreditado em mim.

Às minhas amigas, Lannayza, Amanda, Hellen, Thana, Jessyca, pelos melhores tempos no CPM, pela nossa amizade de catorze anos e por torcerem sempre pela minha felicidade.

À Lúcia Fátima, amiga querida, desde os tempos do cursinho.

À Kaline Gonçalves e à Priscila Moura, por toda cumplicidade e torcida.

À Misleide Santiago, grande amiga de infância que sempre torceu por mim.

Por fim, a todos os bons professores que contribuíram durante minha formação e que de algum modo serviram de exemplo para mim.

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante”.

(Antonio Candido)

RESUMO

Neste trabalho, buscamos analisar a construção da sátira em poemas de Luiz Gama e destacar a importância de sua obra, observando a recepção da mesma pela crítica literária. Nesta pesquisa procuramos também, refletir sobre os limites do enquadramento de um poeta em um determinado período literário, desprezando as características de seus poemas. Realizamos um levantamento breve sobre a vida e obra de Luiz Gama, buscando situar o poeta no contexto do romantismo e, para tanto, nos baseamos em algumas considerações feitas por Antonio Candido (1997). Fizemos uma revisão bibliográfica acerca da fortuna crítica do poeta, observando os estudos de alguns autores: Ferreira (2000), Ferreira (2011), Silva (1981). Ambos criticam o silenciamento da crítica literária em relação à obra de Luiz Gama e fazem apontamentos pertinentes sobre a mesma. Nossa fundamentação teórica se baseou nas concepções sobre sátira dos seguintes autores: Bakhtin (1981), Frye (1973) e D'Onofrio (1968). Para a leitura de poemas recorreremos à Estilística, partindo do ponto de vista da abordagem temática e da linguagem dos poemas. Para tanto nos baseamos em: Goldstein (1998), Martins (2012) e Candido (1987) no que se refere à interpretação, tonalidade emotiva das palavras e ao ritmo.

Palavras-chave: Luiz Gama. Poema. Preconceito. Romantismo. Sátira.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
2	Luiz Gama, o romantismo e a recepção de sua obra	13
2.1	Leve como a flecha: as reverberações da crítica	18
3	Apontamentos sobre a sátira.....	27
4	Leitura dos poemas	37
5	Considerações finais.....	60
	Referências	62
	Anexos	65

1. INTRODUÇÃO

Poeta, jornalista e advogado Luiz Gama foi um raro intelectual negro do século XIX, e o primeiro a se assumir como negro em sua poesia. O poeta demonstrou uma espécie de “desarmonia” com a escola literária vigente de sua época (o Romantismo) ao enveredar por um caminho diferente: o da sátira social. Motivada pela insatisfação, a sátira discute os costumes e requer uma consciência que seja capaz de observar as inconveniências do homem e da sociedade.

Minha aproximação da poesia de Luiz Gama se deu quando estava cursando a disciplina Poesia brasileira: da literatura colonial ao pré-modernismo. A partir de então, vimos lendo e relendo sua obra, a crítica especializada. Desde o seu tempo, Luiz Gama vem sendo tratado apenas como um abolicionista que ficou conhecido por libertar vários escravos. A crítica e a historiografia literária sempre trataram o rábula de modo limitado. O fato é que o poeta sempre foi pouco estudado, mas, ultimamente, vem sendo “redescoberto” segundo estudos da pesquisadora Ligia Ferreira (2011). Recentemente lhe foi conferido o título de advogado pela OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, mas, ainda assim, grande parte dos estudos que há não se centraliza no Gama como poeta.

O presente trabalho pretende responder às seguintes questões de pesquisa: Quais instituições e tipos humanos são satirizados pelo poeta e qual alcance social desta sátira? Que características da *sátira menipéia*, formuladas por Bakhtin, estão presentes em poemas de Luiz Gama? O nosso objeto de estudo será a obra *Primeiras trovas burlescas & outros poemas*, edição organizada por Ferreira (2000).

O objetivo geral de nossa pesquisa é analisar a construção da sátira em poemas do Luiz Gama. Nossos objetivos específicos são: apresentar a concepção de sátira em Mikhail Bakhtin (1981), Northrop Frye (1973); analisar a sátira social presente no poema “Quem sou eu?”, bem como a sátira política e de pessoas nos poemas “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, “Pacotilha” e “Farmacopéia”.

Nesse sentido, o nosso trabalho justifica-se pela importância de retomar os estudos sobre sua poesia, que vem sendo esquecida em meio à história da

literatura. A ideia é também tentar mostrar o quanto é perigoso situar um poeta em uma determinada geração, levando em conta apenas o estilo de época sem uma preocupação com as características predominantes de suas obras. É importante ressaltar a atualidade dos temas trabalhados por Luiz Gama e tentar desmitificar a visão de que o poeta tem que se enquadrar em uma geração.

Este trabalho de conclusão de curso apresenta a leitura interpretativa que desenvolvemos sobre a sátira presente nos poemas “Quem sou eu?”, “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, “Pacotilha” e “Farmacopéia”, de Luiz Gama. O planejamento e a execução do nosso trabalho foram desenvolvidos em três fases: na fase decisória, foi escolhido conjuntamente com o orientador o tema e a seleção de poemas; na fase construtiva, fizemos o levantamento das referências necessárias para a construção da pesquisa e análise, sobretudo as que se referem à sátira, tendo em vista que é o nosso objetivo maior analisar a construção desse gênero, e na fase redacional, construímos e redigimos nossa monografia.

A nossa metodologia é incorporada a análise, uma vez que partimos sempre dos poemas para fazer nossas afirmações. Estruturalmente a nossa leitura interpretativa seguirá o seguinte modelo: o poema “Quem sou eu?” será analisado de modo detido ressaltando as características da sátira social. Os demais poemas serão convocados em alguns momentos, no entanto, utilizaremos apenas algumas estrofes para exemplificar o tipo de sátira em cada um, sobretudo quando estivermos trabalhando com o mesmo tema.

O nosso trabalho lança mão dos conceitos de sátira de Bakhtin (1981), Frye (1973) e em alguns momentos também utilizaremos algumas considerações sobre a sátira por Salvatore D’Onofrio (1968). Conjugamos a nossa abordagem temática à Estilística, no sentido de sempre se voltar para a linguagem.

Nossa pesquisa é de caráter interpretativo e foi organizada em três capítulos: o primeiro, de caráter mais historiográfico; o segundo, com a fundamentação teórica, e o terceiro e último, que é para nós o ponto principal do nosso trabalho, apresenta a leitura detida do poema “Quem sou eu?”, como também comentários interpretativos de outros poemas selecionados, destacando as características da sátira.

No primeiro capítulo iniciaremos nosso trabalho apresentando alguns fatos históricos a respeito da trajetória de Luiz Gama como abolicionista, rábula, jornalista e poeta, segundo J. Romão da Silva (1981) e Ferreira (2000). Em seguida situaremos o poeta no contexto do Romantismo, conforme Antonio Candido (1997). Finalizando esse capítulo realizaremos a leitura da fortuna crítica do poeta e, para tanto, nos basearemos em Silva (1981) e Ferreira (2000).

No segundo capítulo chamaremos atenção para um aspecto que a crítica tem destacado na obra de Luiz Gama, o caráter satírico. Faremos alguns apontamentos sobre a concepção de sátira, bem como suas características, embasados nos conceitos dos autores: Mikhail Bakhtin (1981), Northrop Frye (1973) e Salvatore D'Onofrio (1968).

No terceiro capítulo faremos a leitura interpretativa dos poemas selecionados. Comentaremos, de modo breve, a temática abordada em cada um deles, como também as pessoas e instituições que são satirizadas nos mesmos. E para tanto nos basearemos em Goldstein (1998), Martins (2012) e Candido (1987), observando os poemas em relação a sua forma rítmica, figura de linguagem, vocabulário, etc. Baseados nessa revisão e nas concepções teóricas sobre sátira, passaremos à leitura dos poemas: “Quem sou eu?”, “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, “Pacotilha” e “Farmacopéia” e evidenciaremos o tipo de sátira presente em cada um.

2. LUIZ GAMA, O ROMANTISMO E A RECEPÇÃO DE SUA OBRA

Inicialmente, faremos um breve resumo da trajetória de Luiz Gama com base em J. Romão da Silva (1981) e Lígia Ferreira Fonseca (2000). Para tanto, nos baseamos em alguns recortes que ambos os autores trazem sobre a biografia do poeta. Filho de um branco fidalgo de origem portuguesa, Luiz Gama nasceu livre, na cidade de Salvador, no dia 12 de junho de 1830. Sua mãe, Luísa Mahin, uma africana livre, tem uma história quase mítica. Segundo o próprio poeta, era “pagã, mulher altiva, insofrida e vingativa” (SILVA, 1981, p. 32). Envolveu-se em planos de insurreição de escravos e na Sabinada.¹ Presa algumas vezes acabou indo para o Rio e de lá sumiu.

O nome do pai de Luiz Gama não foi divulgado. Sabe-se que pertencera a uma tradicional e importante família baiana. No entanto se endividou com a prática de jogos de azar e chegou ao extremo, quando não tinha mais nada para lançar fora, vendeu seu próprio filho de dez anos de idade como escravo. Segundo Silva (1981), Gama foi posto a leilão no Rio de Janeiro e em Campinas, mas diversos compradores recusaram, pois diziam que o menino “era baiano”, o que era um defeito abominável. “Baiano nem de graça!” diziam (p. 33). Luiz dirige-se a São Paulo como segunda opção do comerciante e seu futuro senhor, Antonio Pereira Cardoso.

Em 1848, Gama foge da casa do alferes após conseguir “secretamente” provas incontestáveis de sua liberdade (SILVA, 1981, p. 33). Em seguida, alista-se na guarda municipal e dois anos depois se torna ordenança (soldado às ordens de uma autoridade militar) de uma das maiores autoridades da cidade de São Paulo, o conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de

¹ A Sabinada foi uma revolta que aconteceu na Bahia entre os anos de 1837 e 1838, e teve esse nome devido ao seu líder, um médico e jornalista chamado Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira. O movimento ocorreu devido à insatisfação popular dos baianos quanto aos desmandos e a opressão de um governo que só tinha interesse de enriquecer a si próprio.

Mendonça, chefe de polícia. Luiz Gama dedicará a sua obra a Furtado de Mendonça, amigo responsável pela sua formação intelectual e jurídica.

Após seis anos de serviço, em 1854, Gama é julgado por suposta insubordinação, ficando preso durante 39 dias. Segundo Silva (1891), Gama havia ameaçado um oficial que o insultara. Dois anos depois, por interferência do próprio conselheiro Furtado, Gama retorna, não como soldado, mas como funcionário da secretária de repartição; era agora o amanuense.

Em 1859, publicam-se as *Primeiras trovas burlescas do Getulino*, impressas em São Paulo, na Tipografia Dois de Dezembro. A edição “provavelmente de poucos exemplares se esgotou” e após dois anos o autor encomenda a tiragem de uma segunda edição aumentada na cidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo período, Gama funda o *Diabo coxo* (o primeiro jornal ilustrado da cidade de São Paulo) ao lado do caricaturista Ângelo Augustini. Nas palavras de Silva (1981, p. 35), “o jornalzinho, modestamente confeccionado, se insinua como uma pulga na camisola da gente graúda que então constituía o governo e as elites políticas e sociais da Paulicéia”.

Luiz Gama não permanece impune durante muito tempo, é demitido do cargo de amanuense e dessa vez Furtado de Mendonça não pôde defendê-lo. Em 1866, Ângelo Augustini juntamente com Américo de Campo e Antonio Manuel dos Reis fundam o *Cabrião* (periódico humorístico). Segundo Ferreira (2000, p. 25), sob o pseudônimo de “Barrabrás”, Gama, residente do Brás, publica mais uma sátira – “Epístola familiar” – no décimo segundo número do *Cabrião*.

Em 1876, Gama torna-se proprietário e redator d’ *O Polichinelo* (semanário humorístico publicado aos domingos). Percebemos ao longo dessa trajetória que o poeta sentia uma espécie de necessidade de atuar em um jornal, era o seu modo de protestar contra a hipocrisia das elites. De acordo com Ferreira (2000), em 1881, Lúcio de Mendonça publica o artigo biográfico “Luiz Gama” no Almanaque literário de São Paulo.

Mendonça presta homenagem ao “bom republicano” cuja saúde, minada pelo diabetes, dava como próximo seu fim. (...) Morre Luiz Gama em 24 de agosto (...). Pompéia, que o idolatrava, retratou-o de forma memorável, deixando um registro comovente dos últimos dias e horas daquele ser

“adorável” que morria “muito pobre”, porém como benemérito cidadão. (FERREIRA, 2000, p. 31-32)

Trata-se de um abolicionista que morre antes de ver seus sonhos realizados: a abolição e a república. Na visão de Silva (1981), a poesia não seria em Luiz Gama a “faculte maitresse” (faculdade amante), contudo, conforme o autor há nele muito para apreciar como “cultivador de urtigas no canteiro policrômico das letras” (p. 57). No decorrer do seu livro, J. Romão da Silva afirma que será modesto em suas abordagens e tentará apenas situar Luiz Gama na sua “justa e exata posição dentro da história literária brasileira”.

Antes de comentarmos sobre a recepção da obra do poeta, consideramos importante falar brevemente sobre o Romantismo, período literário ao qual Luiz Gama está vinculado. No capítulo “O Romantismo como posição do espírito e da sensibilidade”, Antonio Candido (1997), afirma que o Romantismo surgiu como momento de negação, negação à maneira do Arcadismo, porque visava redefinir não só a atitude poética, mas o próprio lugar do homem no mundo e na sociedade.

Conforme o autor, ao observar em conjunto o “movimento romântico nas literaturas do Ocidente da Europa e nas que lhe são tributárias, como a nossa, temos a impressão de um novo estado de consciência” (CANDIDO, 1997, p. 22), cujos traços mais salientes são o conceito do indivíduo e o senso da história. Nesse sentido, o individualismo e o relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, que vai de encontro à tendência racionalista para o geral e absoluto.

O individualismo, em princípio, se opõe a toda forma de autoridade ou controle sobre os indivíduos e se coloca em oposição ao coletivismo. E o relativismo repudia qualquer verdade ou valor absoluto. Para o relativismo todo ponto de vista é válido, diferentemente do racionalismo que busca uma certeza, uma demonstração para tudo (CANDIDO, 1997, p.22). Desse modo, podemos perceber que o movimento romântico cultua o amor com base na irracionalidade, o individualismo e o subjetivismo em detrimento às regras fixas do Classicismo.

Segundo Candido:

Os românticos, porém, operando uma revisão de valores, não apenas vêem coisas diferentes no mundo e nos espíritos, como desejam imprimir à sua visão um selo próprio e de certo modo único, desde que a literatura consiste, para eles, na manifestação de um *ponto de vista*, um ângulo pessoal. O Sol nunca mais poderá ser a “Lâmpada Febéia”, porque só interessa na medida em que iluminou um certo lugar, onde se deu algo, que nunca mais ocorrerá. As imagens do arsenal clássico pressupunham relativa fixidez do sentimento, sempre capaz de passar pelos mesmos estados. O Romantismo, impregnado de relativismo, possui em grau mais elevado que os clássicos a dolorosa consciência do irreversível, cada situação, diríamos, retomando o exemplo acima, tem o seu próprio Sol, específico, intransferível. (CANDIDO, 1997, p.26-27)

Logo, o poeta do movimento romântico sente a necessidade de imprimir sua visão no poema, seu ponto de vista, levando em consideração que cada situação é única e que haverá um ponto de vista diferente sobre cada uma.

Não podemos deixar de ressaltar o contexto histórico em que o Romantismo se formou, visto que o mesmo foi importante, principalmente em decorrência da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. A última lembra-nos diversas transformações ligadas ao campo econômico, o que gerou, na época, um clima de insatisfação por parte de alguns setores.

No Brasil, o Romantismo, que se iniciou em 1836, teve como ponto de partida a obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, influenciado pelo Romantismo europeu.

Candido (1997) comenta sobre a “missão do vate”, segundo o autor,

A contribuição típica do Romantismo para a caracterização literária do escritor é o conceito de missão. Os poetas se sentiram sempre, mais numas fases que noutras, portadores de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens: daí o furor poético, a inspiração divina, o transe, alegados como fonte de poesia. (...) O poeta romântico não apenas retoma em grande estilo as explicações transcendentais do mecanismo da criação, como lhes acrescenta a ideia de que a sua atividade corresponde a uma missão de beleza, ou de justiça, graças à qual participa duma certa categoria de divindade. Missão puramente espiritual, para uns, missão social, para outros – para todos, a nítida representação de um destino superior, regido por uma vocação superior. (CANDIDO, 1997, p. 25)

Em nossa leitura de poemas veremos que o poeta Luiz Gama não se considera um vate, ou seja, não se considera o “inspirado” que o Romantismo

descreve. Luiz Gama se coloca em seus poemas como “tarelo” ou “falador”. No poema “Prótase” o eu-lírico diz: “São rimas de tarelo, atropeladas/ Sem metro, sem cadência e sem *bitola*/ (...)Grosseiras produções d’inculta mente,/ Em horas de pachorra construídas”.

Ou seja, a intenção de Luiz Gama não é se colocar como o “inspirado” do Romantismo, o poeta reconhece que em seus poemas pode haver algum problema estético, mas que vai continuar falando. Gama se coloca como “tarelo” o que, de certo modo, é irônico, pois adiante veremos que alguns críticos literários minimizam sua obra justamente por prezarem valores estéticos do Romantismo e por serem preconceituosos com a poesia social do autor negro.

Agora podemos nos deter um pouco em alguns aspectos que nortearam a período romântico da Literatura. No âmbito da poesia costuma-se dividir o Romantismo em três fases:

Primeira geração – marcada pelo ufanismo, devido à recente independência do país, fez com que houvesse um sentimento de nacionalidade, no qual prevalecia o culto pela cultura primitiva, com destaque para a figura do índio. O poeta Gonçalves Dias, ao valorizar os aspectos nacionais, se tornou um dos maiores representantes dessa fase.

Segunda geração – conhecida como ultrarromântica, em virtude da exacerbada melancolia e egocentrismo. Segundo Candido (1997) havia a negação e a revolta contra os valores sociais através da ironia ou do sarcasmo. Nessa geração houve muitos representantes pessimistas, como, por exemplo, Álvares de Azevedo.

Terceira geração – conforme Candido (1997) nessa fase há uma predominância do individualismo e inconformismo por parte dos escritores, temos a partir daí uma poesia voltada para o social. O principal representante dessa fase foi Castro Alves, que ficou conhecido como “o poeta dos escravos”, por tratar de temas referentes à escravidão brasileira.

Situar o poeta Luiz Gama numa determinada geração não é uma tarefa simples. Historicamente ele encontra-se vinculado à segunda geração do Romantismo. Provavelmente isso ocorre devido ao período em que o poeta começou a escrever, entretanto, sua poesia tem mais características da

terceira geração do que da segunda e isso que deveria ser levado em consideração.

Embora tenha escrito alguns poemas líricos exaltando a beleza da mulher negra, Luiz Gama buscava denunciar o falso moralismo da sociedade através de suas poesias satíricas. Tal atitude conferiu à sua poesia um caráter social e revolucionário, o que o aproximou do Realismo. Distanciado da concepção de “vate”, Gama utilizou a sua poesia não só para satirizar instituições ou tipos sociais, mas também para criticar os “moldes prescritos” pela crítica literária de sua época.

2.1 LEVE COMO A FLECHA: AS REVERBERAÇÕES DA CRÍTICA LITERÁRIA

Na segunda edição do livro *Luís Gama e suas poesias satíricas*, o autor J. Romão da Silva (1981) critica o silenciamento e a indiferença que a crítica literária tem destinado ao poeta. O trabalho de Silva se constitui importante, pois o mesmo afirma que sua intenção é definir em que consiste o valor das *Trovas burlescas* e situar o autor na posição que faz jus na história da literatura (p. 22). No decorrer do livro o ensaísta traz contribuições de alguns críticos e comenta seu posicionamento acerca dos mesmos. Segundo Silva (1981, p.22),

A prevenção oriunda de certa mentalidade, a crítica vesga ou parcial, têm barrado o ingresso de Luiz Gama nos festins do Parnaso. Não faltam mesmo os que pretendam negar-lhe vocação para as letras, restringindo a sua glória, apenas, ao que conquistou como abolicionista. Alguns, sem esconderem a antipatia pelo negro, ou mesmo a mais crassa ignorância a seu respeito, chegam a reduzi-lo a um simples “ex-escravo incomplexado, autodidata que se fez rábula e anti-escravagista” (...) Felizmente, como o sol não se tapa com a peneira, a forma do versejador da “bodarrada” não pôde ser de todo obscurecida. A justiça lhe não seria unânimemente negada. Raul Pompéia, Coelho Neto, Rui Barbosa (...) romperam muito desse preconceito que pesa sobre a produção poética do Barrabrás de “O Cabrião”.

Bosi (1994), em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, minimiza a importância de Luiz Gama restringindo a uma nota de rodapé. O crítico cita o poeta apenas para contextualizar que o mesmo precedeu o poeta

Castro Alves, ao abordar o tema da escravidão em seus poemas. A única informação que ele traz é que Luiz Gama era “um mulato, filho de uma africana livre e de um senhor branco, que o vendeu como escravo aos dez anos de idade. O que não impediu que Luiz Gama chegasse pelo próprio esforço a grande orador libertário” (p.119). A atitude do crítico reforça a ideia de que o poeta pode passar despercebido sem nenhum problema.

Luiz Gama escreveu muitos poemas com temas de cunho social, mas também escreveu poemas líricos de grande valor, como: “A borboleta”; “Meus amores”; “Laura”, “Minha mãe”, entre outros. Reduzir Luiz Gama a um “ex-escravo incomplexado” é negá-lo enquanto produtor de linguagem e tal ato é no mínimo um discurso preconceituoso.

Sobre a produção poética de Gama, o ensaísta literário afirma que

Luís Gama não era um perfeito artista da forma. Como poeta satírico, no entanto, ninguém no Brasil foi mais conseqüente do que ele. E pelas características de sua poesia não será o nosso vate menos legítimo na família dos demolidores pela força sugestiva do sarcasmo do que certos líricos do século XVII. (SILVA, 1981, p.59)

Silva (1981) reconhece os feitos de Gama enquanto satirista, mesmo criticando a forma de seus poemas. Para ele muitos fazem restrições severas ao poeta, o chamam de “trivial, descuidado com relação às regras gramaticais” (p. 59). O ensaísta concorda que Luiz Gama tem seus pecados, mas que há um exagero por parte de alguns julgadores. Exagero desnecessário, pois uma das características do poeta era o uso da liberdade poética que os puristas da crítica literária tanto ignoram. Nesse sentido, o rompimento com algumas normas “canônicas” também se constitui em sua obra como fator de denúncia a uma sociedade altamente burguesa que privilegiava apenas a escrita do branco.

Silva (1981) admite também que o poeta tinha um propósito “achincalhante” de fugir ao convencional. Ora, o próprio Luiz Gama, em seu poema “Prótase” admite: “Se de um quadrado/ Fizer um ovo/ Nisso dou provas/ De escritor novo”. E no poema “Quem sou eu?” que será analisado adiante: “Faço versos, não sou vate,/ digo muito disparate/ mas só rendo obediência/ à virtude, à inteligência”. Logo, seguir normas não era o foco do poeta.

Vinculado à segunda geração do romantismo, Gama não se viu em nenhum momento obrigado a se encaixar nos moldes literários do seu período. Mesmo assim seus poemas não são desorganizados no sentido de forma e de ritmo, tampouco de verborragias, há uma intencionalidade através de cada jogo de palavras. Assim como vários outros poetas fazem, nada em Luiz Gama é gratuito.

Em seu estudo sobre a obra de Gama, Silva (1981) afirma que Alberto de Faria, “embora sem propósito” de menosprezar o poeta negro, exagerou ao afirmar serem as *Trovas de Getulino* “mero arremedo formal de estrofes exóticas sobre costumes e defeitos da época” (p. 61). De fato, tal afirmação não é só um exagero como também uma revelação de preconceito, pois, de modo geral, os estudos sobre Luiz Gama se centralizam na sua biografia, sobretudo na sua consagração enquanto abolicionista.

A abordagem de temas sociais num período escravocrata, cujos discursos preconceituosos se estendem até os dias de hoje, revelava uma afronta ao “padrão estético” esperado pelos “puristas” de sua época. Portanto, é mais conveniente falar que a obra de Luiz Gama não passa de um “mero arremedo formal de estrofes”. Alberto de Faria precisaria de argumentos contundentes para provar isso sobre um livro inteiro.

A poesia de Gama ainda é pouco estudada em relação a de outros poetas canônicos e até mesmo a de não-canônicos. Mas se formos observar desde o ano em que J. Romão da Silva escreveu até os dias atuais, veremos que houve um avanço significativo nas pesquisas sobre a obra do autor e isso é um dado muito importante.

Ainda para Silva (1981), quem melhor acertou no julgamento sobre as *Trovas* foi o Sud Menucci:

ao asseverar que o seu êxito decorreu de um fato notável, que devera ter impressionado a sociedade do tempo: a fulgurante inteligência daquele preto que, cativo e analfabeto integral em 1847, surgiu, inopinadamente, como poeta. Com livro publicado e bem recebido pela crítica indígena (sic), doze anos depois (SILVA, 1981, p. 62)

Realmente, muitos fatores poderiam ter impedido o caminho do poeta, porém o fato de ele ter sido um autodidata e ex-escravo chamou a atenção de

muita gente. Naquele período era praticamente impossível encontrar um negro com tanto conhecimento e discurso eloquente, não por questões de inferioridade, mas por falta de oportunidade mesmo. O negro não tinha voz nem vez. Luiz Gama traz essa voz do negro ao se enunciar como tal nos próprios poemas.

Segundo Silva (1981, p. 63-64),

O que se aponta como inferioridade na poesia de Luís Gama – esse desleixo e essa trivialidade sem respeito à gramática – é, no entanto, superado por qualidades intrínsecas, que emprestam aos seus versos de mofa sabor e características *sui-generis*. Convenhamos que a perfeição gramatical não é, em literatura, o essencial ou a sua ausência a marca de uma negação absoluta. Há também uma intuição fecundante. A arte de dizer as coisas mais belas e mais graves da maneira mais simples.

Embora o ensaísta afirme que Gama não era um “perfeito artista da forma”, ele reconhece que o poeta era hábil no jogo das palavras rimadas sem delas retirar a objetividade. Conforme Silva (1981), Gama não tinha a erudição de muitos dos grandes pensadores, porém era um leitor voraz e isso lhe garantiu um patrimônio de cultura. Para o autor, ninguém melhor do que Luiz Gama penetrou mais fundo na sociedade enraizada pelo preconceito, “ninguém melhor do que ele fabricou “carapuças para gente do grande tom”” (p. 66). Aqui o autor refere-se ao poema “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, que tem como tema central a questão da corrupção, da qual Gama não poupa nenhuma classe.

No prefácio que escreveu para a terceira edição das *Trovas burlescas*, Coelho Neto (*apud* SILVA 1981, p. 67), emitiu a seguinte opinião sobre o verso de Luiz Gama: “Se não prima pela beleza da forma, se não cintila em labores de arte, é leve como a flecha, silva, vai direto ao alvo, crava-se, e fica vibrando”. Ou seja, a sátira produz o efeito desejado. O prefácio de Coelho Neto, embora enalteça o viés satírico do autor, também diminui sua dimensão estética, bem como o lirismo de sua linguagem. Parece que a “insubordinação” do poeta à política e às “normas literárias” causou uma espécie de inconformismo por parte de alguns críticos e por esse motivo acharam melhor rotulá-lo como transgressor e desprezar o seu lirismo.

Silva (1981) afirma que Luiz Gama era “realista demais, para viver em delírios e cismares teóricos” (p. 67). É evidente que a maioria dos poemas presentes em *Primeiras trovas burlescas* são voltados para uma crítica social. No entanto, Silva diz que talvez as únicas manifestações líricas do poeta se encontram nos poemas: “Minha mãe”, “Junto à Estátua” e “Laura”, e com isso não podemos concordar, pois já citamos o título de outros poemas líricos anteriormente.

Segundo o ensaísta, Gama “fustigou o seu estilete endemoninhado a ferir e a envenenar a sensibilidade de gente importante e a vaidade dos pretensos importantes da época” (p. 80-81). Os brancos, os negros, os pobres, os ricos, os adúlteros, os bacharéis, os clérigos, sobretudo os aristocratas, nenhum desses escapou dos mordazes ataques de Gama. Conforme Silva (1981, p. 81),

Com os ministros implicou insistentemente. Bem conhecido é aquele “Serei conde, marquês e deputado”, que Sílvio Romero transcreveu no V volume da *História da literatura brasileira*, como mostra das mais ilustrativas da aversão do negro à nobreza, e que Sud Menucci considera a sua obra-prima, porque nela o “Orfeu de Carapinha” concentrou (...) toda a bÍlis represada do seu rancor por tudo o que pode simular nobreza, por todas as adulterações que visam baralhar os valores”.

Em *História da Literatura Brasileira*, Massaud Moisés (1985) apresenta Luiz Gama na lista dos poetas menores da terceira geração do Romantismo. Conforme o autor, Gama foi:

Escravo forro, tornou-se um dos baluartes da causa abolicionista, e nesse terreno alcançou nomeada e respeito, que não logrou com suas *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1861), onde se reúnem poemas satíricos, à Gregório de Matos, centrados em pessoas e instituições do tempo, não raro vinculados à questão de escravos (MOISÉS, 1985, p. 260).

Segundo o Moisés, Luiz Gama escreveu apenas dois poemas líricos, “Minha mãe” e “No cemitério...”, e diz que nesses Gama evidencia um curto fôlego poético, ou seja, assim como tantos outros críticos, Moisés assume um discurso preconceituoso, pouco fundamentado, que se resume em destacar a

biografia de Luiz Gama, não reconhecendo o valor de suas trovas ao ponto de colocá-lo como poeta menor.

Outra obra recente que se volta para os estudos sobre a vida e obra de Luiz Gama é o livro *Com a palavra, Luiz Gama* de Lúcia Fonseca Ferreira (2011). Nesse livro encontramos um artigo inicial que funciona como apresentação da obra, “Luiz Gama, contemptor de nossas falsas elites”, escrito pelo professor Fábio Konder Comparato. Em seu texto, Comparato (2007) afirma que os principais alvos de Luiz Gama eram: os clérigos e os magistrados. O autor explica:

Já no século XVI, os jesuítas da Angola distinguiram-se na coordenação do tráfico negreiro de Angola para o Brasil. À ordem de cessação desse comércio de carne humana, baixada pelo Geral da Companhia em 1590, os padres da Angola responderam que “não é escandaloso de pagar as nossas dívidas em escravos, pois eles são a moeda corrente no país, assim como o ouro e a prata o são na Europa e o açúcar no Brasil”. (COMPARATO, 2007, p. 8)

Nesse período havia muitos escravos dentro dos próprios conventos. De acordo com Comparato, a igreja católica não manifestou nenhum empenho pela abolição da escravatura até as vésperas do 13 de maio. A partir dessa informação podemos entender um pouco a causa do ataque de Luiz Gama às instituições religiosas.

Em relação aos magistrados, Comparato diz que as providências de justiça por parte deles em relação aos cativos eram praticamente nulas, “não só pelo velho costume da corrupção, mas também por serem eles, quase sem exceção, proprietários de escravos”.

Em seguida, a autora do livro, Lúcia Fonseca Ferreira, apresenta uma cronologia sobre a vida do poeta e sobre suas primeiras publicações até sua morte. A cronologia desse livro é de suma importância para o leitor, pois lhe permite que o mesmo faça pontes entre o que ocorria na história do Brasil e a vida e obra do poeta. Não vamos fazer considerações sobre tais pontos, pois o ensaísta J. Romão da Silva (1981), já citado anteriormente, faz a mesma espécie de cronologia, sendo que a diferença entre ele e o livro de Ferreira (2011) é que as informações em Ferreira estão mais sistematizadas para o leitor.

Segundo Ferreira (2011, p. 42),

Muitos pintaram erroneamente a Luiz Gama como inimigo do mundo dos brancos; trata-se de uma formulação generalista e exagerada, mas que merece ser relativizada e observada mais de perto. Na verdade, o vate negro não investe contra os brancos indistintamente, mas sobretudo contra os representantes de um regime político, a monarquia. A sociedade imperial é atravessada, a seus olhos, por males congênitos. A avidez pelo dinheiro e a falta de escrúpulos alimentam a corrupção de políticos e juizes acomodados à impunidade (“Ladrão que muito furta é protegido”).

Na edição *Primeiras trovas burlescas & outros poemas*, organizado por Lígia Fonseca Ferreira (2000), a autora, assim como Silva (1981), tece comentário sobre algumas afirmações incoerentes de críticos literários. Para Ferreira, Gama reprimia o preconceito que impunha obstáculos à realização estética de gente de sua cor. Conforme a autora, a postura estética e existencial de Luiz Gama permitiu propor na literatura brasileira uma contra ideologia aos dogmas do pensamento radical dominantes, ou seja, permitiu um rompimento com as regras impostas pela elite e até mesmo pela crítica literária. O poeta não se desvencilhou das normas, mas soube adequá-las ao seu uso.

Segundo Ferreira (2000), embora reduzida, a produção poética de Luiz Gama apresentava-se variada do ponto de vista do gênero (sátira política e de costumes, paródias herói-cômicas, bestialógico, poemas líricos), estilo (influência da sátira portuguesa dos séculos XVIII e XIX e da poesia romântica) e temas (corrupção política, hipocrisia dos mulatos, preconceito racial, anticlericalismo, crítica aos “doutores” e inépcia do poder judiciário, caricatura dos tipos sociais e, em menor grau, o amor e o escravo).

No capítulo referente à fortuna crítica do poeta, Ferreira (2000) traz uma consideração importante acerca do olhar do poeta Manuel Bandeira sobre a obra de Gama:

O olhar percuciente e sincero de Manuel Bandeira contribuiu significativamente para a fortuna crítica de Luiz Gama. Celebrizou a “Bodarrada”, fazendo-a constar na *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica* (1937) por julgá-la a melhor sátira da poesia brasileira. Não fora este o único texto que mereceu a atenção do divertido autor de *Mafuá do malungo*. Bandeira referiu-se ao tom sereno presente nos

poemas inspirados pela escravidão, confessando sua admiração pelas quadras perfeitas, “no fundo e na forma” de “Meu amores”. As observações de Bandeira eram das mais valiosas, pois ninguém melhor que um poeta para não só compreender o interesse histórico, como penetrar a alma de outro poeta. (FERREIRA, 2000, p. LXIV)

O reconhecimento de Luiz Gama por Manuel Bandeira torna-se importante diante da minimização que a crítica tem atribuído ao poeta satírico. Ainda no mesmo capítulo, Ferreira (2000) afirma que Roger Bastide realizou um estudo pioneiro, mapeando, em 1943, a *Poesia afro-brasileira*. Segundo a autora, Bastide trilhou uma vertente determinista e recorreu a uma abordagem de cunho sociológico e psicanalítico. Atribuiu um papel fundamental à obra de Luiz Gama, considerando-a “marco fundador da poesia afro-brasileira, mas negou envergadura intelectual a seu autor, um ‘pobre escravo’ cujas ambições culturais e literárias teriam ficado aquém das suas próprias expectativas” (FERREIRA, 2000, p. LXV -LXVI).

Oliveira (2004), em sua tese “Gamacopéia: ficções sobre o poeta Luiz Gama”, afirma que Bastide

reforçou a ideia de que Gama abandonou a poesia em prol de sua ação política, o que não deixa de ser uma opinião muito aguda sobre o abolicionista. Apenas é uma opinião um pouco faltosa com o poeta, que foi mais uma vez julgado pelo que “deixou de fazer” e não pelo que não fez. (OLIVEIRA, 2004, p. 191)

Oliveira (2004) faz um comentário pertinente acerca de Luiz Gama, pois, de fato, conforme o levantamento de leituras críticas que fizemos, parece que o poeta foi mais julgado pelo que deixou de fazer e não por aquilo que fez.

Ferreira (2000) afirma que Antonio Candido em “Literatura negra como forma de resistência” ressaltou o fato de

Luiz Gama andar na contramão, se comparado a Machado de Assis ou Cruz e Sousa, por lançar ataques diretos à “definição de brancura”, valor fundamental para o “branco dominador”, e por inverter as regras: em seus escritos, é o “negro que faz a troça do branco”, o que lhe confere uma postura política de resistência” (FERREIRA, 2000, p. LXVIII – LXIX)

Muitos poemas de Luiz Gama lançam ataques diretos à definição de brancura, no entanto, o problema reside em resumir sua obra a essa temática como se o poeta estivesse o tempo todo fazendo um confronto entre o branco e o negro. Essa atitude restritiva revela pouca percepção de suas trovas.

Ainda conforme Ferreira (2000), desde 1859, Luiz Gama apresenta-se como sátiro tão inconformado quanto divertido, mas, no fundo, moralista. “Suas críticas não resvalam para a maledicência estéril, para a amargura ou pessimismo...” (p. XLIV - XLV). Logo, podemos constatar que, realmente, a sátira impregnada nos poemas de Luiz Gama aponta para uma poesia voltada para o social e não para uma poesia pessimista nem melancólica, conforme a segunda fase do Romantismo na qual o “enquadraram”.

Assim como afirmou Silva (1981), a obra de Luiz Gama é, de fato, tratada com certa indiferença pela crítica literária. Ferreira (2011) também pontua o silenciamento da crítica ao dizer: “Sua palavra foi empobrecida, quando não silenciada, por uma série de relatos biográficos pouco fidedignos, simplistas” (p. 18). Mesmo com esses impasses o poeta vem sendo redescoberto. Mas trata-se de um processo longo, o trabalho que a professora e pesquisadora Lígia Fonseca Ferreira vem desenvolvendo em torno da obra de Luiz Gama é de suma importância, tendo em vista que boa parte dos críticos literários tem restringido o alcance de sua poesia e enaltecido o abolicionista que foi.

3. APONTAMENTOS SOBRE A SÁTIRA

Apresentaremos neste capítulo um resumo das concepções de sátira em Bakhtin (1981), Northrop Frye (1973) e Salvatore D’Onofrio (1968). Nosso intuito é apontar uma base teórica que nos ajude a compreender melhor a poesia de Luiz Gama.

Uma das categorias mais relevantes para estudar a obra poética de Luiz Gama é a sátira. A sátira pode estar presente nas mais variadas formas, sendo elas literárias ou não. Destinada ao ataque, ela surge a partir de um estado de inconformismo perante o prescrito. Massaud Moisés (1978, p. 469-470) apresenta a seguinte definição de sátira:

Sátira do Latim *sátira(m)*, de *lanx satura*, prato cheio de frutos sortidos que se ofereciam a Ceres, deusa das sementeiras (*satum*). Modalidade literária ou tom narrativo, a sátira consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou indivíduos. Vizinha da comédia e do humor burlesco.

Moisés também afirma que a sátira “caracteriza-se pela sua efemeridade”, ou seja, ela tende a perder a sua força com a passagem do tempo. Segundo o autor, para que a sátira resista ao desgaste do tempo é preciso que “a causa do ataque satírico persista ao longo de todas as transformações sociais” (p. 470). Nesse sentido, podemos dizer que a sátira de Gregório de Matos ou de Luiz Gama contra a hipocrisia e outras mazelas da sociedade permanece acesa e resistente às mudanças.

Neste trabalho apresentaremos duas concepções de sátira que consideramos pertinentes para o nosso estudo, a concepção conforme Bakhtin (1981) e Frye (1973). Para maior embasamento teórico, faremos também algumas observações sobre a sátira de acordo com D’Onofrio (1968). Veremos, ao longo de nossa pesquisa, que os aspectos da sátira apontados por Bakhtin dialogam com os de Frye no que se refere à crítica às instituições sociais, à censura política e de costumes.

Mikhail Bakhtin (1981) realizou um estudo importante sobre a obra de Dostoiévski, em que descreve de maneira esmiuçada a “sátira menipeia”, a

qual se aproxima dos aspectos que iremos analisar nos poemas de Luiz Gama. Segundo o teórico russo, na Antiguidade clássica desenvolveram-se vários gêneros, diversos exteriormente, mas interiormente semelhantes.

Os antigos percebiam a originalidade do campo cômico-sério e o colocava como oposição aos gêneros sérios como a epopéia, a tragédia e a retórica. Para Bakhtin (1981), esses gêneros estão unidos através de uma relação com o folclore carnavalesco, variando de grau. O teórico chama de *literatura carnavalizada* à literatura que “direta ou indiretamente sofreu influência de diferentes modalidades e folclore carnavalesco (antigo ou medieval)” (p. 92). Em seguida, Bakhtin aborda três peculiaridades exteriores de gênero do campo cômico-sério.

A primeira refere-se ao tratamento dado à realidade, à atualidade viva e não ao passado absoluto de mitos e lendas. A segunda não se dissocia da primeira, nesta os gêneros do cômico-sério não se baseiam na lenda, mas, sim, na experiência e na fantasia livre. E a terceira refere-se à pluralidade de estilos e à variedade de vozes, caracteriza-se pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, utilizando os gêneros intercalados, cartas, manuscritos, paródias, diálogos relatados, etc. Em alguns desses gêneros observa-se a fusão do discurso da prosa e do verso, o bilingüismo e o uso de jargões, etc.

Em seu texto, Bakhtin discute sobre a variedade dialógica presente nas obras de Dostoiévski. Nessa variedade, o teórico considera determinantes dois gêneros do campo cômico-sério: o diálogo socrático e a sátira menipéia. De acordo com o teórico russo, o diálogo socrático é impregnado da cosmovisão carnavalesca. A princípio, na fase literária de seu desenvolvimento, “era quase um gênero memorialístico: eram recordações/anotações das palestras proferidas por Sócrates, organizadas numa breve narração” (BAKHTIN, 1981, p. 94).

Conforme o teórico, o “diálogo socrático” durou pouco, mas no seu processo de desintegração formaram-se outros gêneros dialogais, dos quais ele destaca a “sátira menipéia”. Bakhtin afirma que não podemos considerar a sátira como “produto genuíno do diálogo socrático” (p. 96), pois suas origens remontam diretamente ao folclore carnavalesco cuja influência é mais determinante do que no diálogo socrático.

Após descrever alguns aspectos históricos do diálogo socrático, Bakhtin (1981, p. 97) discorre sobre as origens e os representantes das sátiras menipéias e afirma:

Esse gênero deve a sua denominação ao filósofo do século III a.C Menipo de Gadare, que lhe deu forma clássica (...) Mas o gênero propriamente dito surgiu bem antes e talvez o seu primeiro representante tenha sido Antistheno, discípulo de Sócrates e talvez um dos autores dos diálogos socráticos.

Ainda sobre as menipéias, Bakhtin (1981) apresenta algumas características desse gênero que estão organizadas em catorze tópicos. Para a nossa análise utilizaremos apenas aquelas que se aproximam dos poemas de Luiz Gama. No entanto, entendemos que é válido destacar, resumidamente, todas as características:

1. A elevação excessiva do elemento cômico;
2. Apresenta liberdade de invenção temática e filosófica, bem como de limitações histórico-memorialísticas; livre de lendas, a menipéia não está presa às exigências da verossimilhança externa. É possível que não encontremos na literatura “um gênero mais livre pela invenção e fantasia do que a menipéia”;
3. A fantasia e a aventura são interiormente motivadas e justificadas pelo fim filosófico e ideológico. Aqui a fantasia se relaciona com a provocação e a experimentação da verdade. “Com este fim, os heróis da menipéia sobem aos céus, descem ao inferno (...) são colocados em situações extraordinárias reais”;
4. A menipéia apresenta uma combinação do fantástico livre e do simbolismo e, às vezes, o elemento místico-religioso liga-se com o naturalismo de submundo (referindo-se às camadas mais baixas da sociedade), extremado e grosseiro;
5. A menipéia combina a ousadia da invenção e do fantástico com um universalismo filosófico, apoiando-se numa reflexão sobre a vida humana;
6. Manifestação de uma estrutura em três planos, em que as ações e as sín crises (confrontos) dialógicas se deslocam da Terra para o Olimpo e para o inferno. A representação do inferno teve grande importância

- nesse gênero, onde surgiu o específico “diálogo dos mortos difundido na literatura européia do Renascimento, dos séculos XVII e XVIII”;
7. O aparecimento da modalidade do fantástico experimental, ou seja, a observação feita de um ângulo de visão inusitado;
 8. Surgimento da experimentação moral e psicológica. Representação da loucura, da dupla personalidade, do devaneio, de sonhos extraordinários e suicídio. “As fantasias, os sonhos e a loucura destroem a integridade épica e trágica do homem”;
 9. O uso de novas categorias como excentricidade, o escândalo; Declarações inoportunas, violações às normas e às etiquetas comportamentais e de discursos. “A “palavra inoportuna” é inoportuna por sua franqueza cínica ou pelo desmascaramento profanador do sagrado”;
 10. Jogos com passagens e mudanças bruscas, presença de oximoros, antíteses e contradições violentas;
 11. São incorporados à menipéia elementos da utopia social, introduzidos em forma de sonhos ou viagens por países misteriosos;
 12. Emprego dos gêneros intercalados (cartas, novelas, discursos oratórios, simpósios, etc.) e pela fusão dos discursos da prosa e do verso;
 13. Os gêneros intercalados reforçam a multiplicidade de estilos e se forma um novo enfoque da palavra, enquanto matéria literária;
 14. A presença de temas voltados à literatura político-social, ou publicística, centrados na atualidade; surgimento dos “tipos sociais” em todas as camadas da sociedade. “O caráter jornalístico, a publicística, o folhetinismo e a atualidade mordaz caracterizam, em diferentes graus, todos os representantes da menipéia”.

É importante ressaltar que a sátira menipéia se formou no período da desintegração popular nacional, “da destruição de normas éticas que constituíam o ideal antigo do “agradável” (“beleza-dignidade”), numa época de luta tensa entre inúmeras escolas e tendências religiosas e filosóficas heterogêneas” (BAKHTIN, 1981, p. 102).

Podemos perceber que a menipeia engloba uma cosmovisão carnavalesca, pois através de uma “brincadeira” o satirista denuncia os vícios de uma sociedade hipócrita e desconstrói o instituído, por isso nós encontraremos a figura do “sacrista” abordada por Luiz Gama sendo destituída de seu discurso moralizante. Como afirma Bakhtin (1981, p. 101),

A menipeia é plena de contrastes agudos e jogos de oximoros: a hetera virtuosa, a autêntica liberdade do sábio e sua posição de escravo, o imperador convertido em escravo, a decadência moral e a purificação, o luxo e a miséria, o bandido nobre, etc. A menipeia gosta de jogar com passagens e mudanças bruscas, o alto e o baixo, ascensões e decadências, aproximações inesperadas do distante e separado, com toda sorte de casamentos desiguais.

É importante lembrar que os poemas que discutiremos adiante apresentam características carnavalescas que se aproximam das da menipeia. “*Carnaval* (no sentido de conjunto de todas as variadas festividades, dos ritos e formas e do tipo carnavalesco)” (BAKHTIN, 1981, p. 105). O carnaval anula as leis, as proibições que determinavam a ordem da vida comum e “todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc.” (p. 105). Ou seja, ele elimina a distância ente os homens, as desigualdades. Por exemplo, homens que na vida comum são separados hierarquicamente entram em livre contato no discurso carnavalesco.

O carnaval permite que o sagrado e o profano se combinem, nas palavras do teórico russo, “o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc.” (BAKHTIN, 1981, p. 106). A profanação é um traço que também está presente nos poemas do Luiz Gama. Esta é formada pelas descomposturas carnavalescas, pela violação do que é comum, há um deslocamento do que é habitual. De acordo com Bakhtin (1981, p. 114), “a natureza carnavalesca da menipeia se manifesta de maneira ainda mais precisa; suas camadas externas e o seu núcleo profundo são impregnados de carnavalização”.

Bakhtin finaliza seu estudo sobre a menipeia afirmando que quem preservou as particularidades da menipeia antiga não foi a “memória subjetiva” de Dostoiévski, mas, sim, a “memória objetiva” do gênero com o qual ele trabalhou.

Podemos entender a antiga sátira menipéia como um gênero que se aproxima do que chamamos atualmente de sátira. No ensaio “O mythos do inverno: A ironia e a sátira”, Northrop Frye (1973) discorre sobre a distinção entre a sátira e a ironia e sobre seis fases da sátira, no entanto, selecionamos apenas as três primeiras fases para o nosso estudo. É importante distinguir os dois termos, uma vez que a sátira e a ironia andam juntas, mas ambas apresentam peculiaridades.

Para Frye (1973), a principal diferença entre a ironia e a sátira é que a sátira é a ironia militante: “suas normas morais são relativamente claras, e aceita critérios de acordo com os quais são medidos o grotesco e o absurdo” (p. 219). Frye afirma que temos uma ironia com pouca sátira quando o leitor não está certo da atitude do autor ou qual atitude imagina ser a sua. Segundo o teórico, a sátira requer no mínimo um conteúdo ou fantasia que o leitor reconheça como grotesco e pelo menos um padrão moral implícito, sendo este último fundamental, tendo em vista que um dos objetivos da sátira é a denúncia, o combate à hipocrisia de modo geral.

Nas palavras do teórico, “o satirista tem de selecionar suas absurdidades, e o ato de selecionar é um ato moral” (FRYE, 1973, p. 220). Iremos observar isso nos poemas do Luiz Gama. O poeta seleciona os absurdos vividos pela sociedade de sua época e os descreve nos poemas de forma ostensiva.

Segundo Northrop Frye (1973), duas coisas são essenciais à sátira: “uma é a graça ou humor baseado na fantasia ou num senso de grotesco e a outra destina-se ao ataque” (p. 220). Para atacar alguma coisa, o escritor deve ter noção da indesejabilidade desta. Frye afirma que o ataque em literatura não pode ser uma expressão de ódio pessoal ou social, pois esse tipo de discurso tem um alcance muito limitado.

Em *Comicidade e riso*, Vladimir Propp (1993) traz um capítulo intitulado “O homem com aparência de animal”, nele o autor afirma que

na literatura humorística e satírica, assim como nas artes figurativas, o homem, na maioria das vezes, é comparado a animais ou a objetos, e essa comparação provoca o riso. (...) Para as comparações humorísticas e satíricas são úteis apenas os animais a que se atribuem certas qualidades negativas que lembram qualidades análogas do ser humano.

(...) Porco, asno, camelo, gralha, cobra etc. São xingamentos comuns que suscitam o riso dos espectadores.
(PROPP, 1993, p. 66-67)

Frye (1973) assim como Propp ressalta essa questão. A comparação do homem com um animal permite uma quebra de valores. Frye (1973, p. 221) afirma que “chamar um homem de porco ou jaritaca ou uma mulher de cadela proporciona uma satisfação fortemente limitada, pois muitas das qualidades desagradáveis do animal são projeções humanas”. Podemos observar essa comparação no poema “Quem sou eu?”, que será analisado adiante. O mesmo apresenta a metáfora dos homens como bodes, no sentido de igualar a humanidade ao mesmo patamar, desprezando as diferenças de cor ou classe.

Vale ressaltar que o humor também se une ao ataque na sátira. “O mundo do humor é um mundo rigidamente estilizado, no qual não se permite que existam escoceses generosos, esposas obedientes, sogras queridas, etc” (FRYE, 1973, p. 221). Ou seja, na sátira o humor pode ocorrer através do jogo de opostos (jogo de oxímoros, como vimos em Bakhtin).

Discorreremos agora sobre as três primeiras fases da sátira abordadas pelo teórico. De acordo com Frye (1973), a primeira fase corresponde à primeira fase da comédia irônica, na qual não há deslocamento da sociedade cômica. A sátira típica desta fase é conhecida como a sátira da norma baixa. “Admite como verdadeiro um mundo cheio de anomalias, injustiças, desatinos e crimes, e, contudo é permanente e indeslocável” (p. 222). Por isso o autor afirma que “o satirista pode empregar uma pessoa franca, de senso comum, convencional, como contraste para os vários *alázones* da sociedade” (p. 222).

Conforme Frye (1973, p. 224),

Se um satirista apresenta, digamos, um clérigo como tolo ou hipócrita, ele não está, qua satirista, atacando nem um homem nem uma igreja. O primeiro não tem importância literária ou hipotética, e a segunda o leva para fora do alcance da sátira. Ele está atacando um mau homem protegido por sua igreja, e tal homem é um monstro gigantesco: monstruoso porque não é o que devia ser, gigantesco porque é protegido por sua posição e pelo prestígio dos bons clérigos.

A intenção do satirista ao atacar uma instituição religiosa é desmascarar uma pessoa que age errado, que deveria ser exemplo dos bons costumes e da boa moral, mas que é protegido pela sua igreja por algum motivo. O satirista

possui um sentimento de indignação e uma relação de inconformismo com as impunidades de modo geral.

A segunda fase corresponde a uma comédia de fuga. Nesta o herói foge para uma sociedade mais adequada, sem transformar a sua. Nessa fase a atitude do satirista é pragmática. “Por isso a sátira pode representar amiúde o choque entre uma seleção de normas da experiência e o sentimento de que a experiência é maior do que qualquer conjunto de crenças sobre ela” (FRYE, 1973, p. 225).

A sátira da segunda fase se destina a levar o outro ao ponto no qual possa escapar de um procedimento incorreto. Segundo Frye (1973), tal fase “mostra a literatura assumindo uma função especial analítica de destruir os cacaréis dos estereótipos, crenças fossilizadas, teorias excêntricas, modas opressivas e todas as outras coisas que impedem a livre movimentação da sociedade” (p. 229). Nesse sentido, a sátira assume um combate contra as regras pré-estabelecidas, um caráter mais ostensivo.

A sátira da terceira fase é conhecida como a sátira elevada. Nessa a sociedade é mostrada num “telescópio, como dignos pigmeus a fazer pose, ou num microscópio, como gigantes horríveis e fedorentos ou transformará seu herói num asno e mostrar-nos-á que parece a humanidade, do ponto de vista de um asno” (p. 230). A primeira fase da sátira e a terceira são as que mais se assemelham à construção dos poemas do Luiz Gama no sentido de ataque e humor, bem como no ato de selecionar as absurdidades da sociedade com a intenção de desmascarar os “protegidos”.

Outro estudioso da sátira, Salvatore D’Onofrio, traz reflexões importantes sobre a sátira romana. Segundo ele,

A sátira parece ser, na literatura latina, o único gênero literário que não se presta ao servilismo e à adulação, conseguindo descrever a realidade verdadeira da vida, sem papas na... pena. Levada a defender-se contra os ataques dos adversários do gênero satírico, essa justifica a sua razão de ser demonstrado o ridículo dos assuntos e do estilo dos literatos da época. (D’ONOFRIO 1968, p. 61)

Como vimos no capítulo anterior, Luiz Gama foi bastante atacado enquanto poeta justamente por ser um poeta satírico e que, segundo alguns

críticos, “não preza pela forma”. O baiano sabia tanto que seria alvo de críticas que em seu poema “Prótase” ele revela:

E podem colocar-se à retaguarda
Os venerandos sábios de influência;
Que o trovista respeita submisso,
Honra, pátria, virtude, inteligência.

Só corta com vontade nos malandros
Que fazem da Nação seu Monte-Pio
No remisso empregado, sacripante
No lorpa, no peralta e no vadio.

Sabemos que é o eu-lírico quem diz isso, mas essa forma de enunciação é predominante em muitos poemas de Luiz Gama, ou seja, parece que o autor faz de sua trova um instrumento de ataque aos críticos, embora respeite o lugar de cada um, pois sua intenção é defender-se, deixando claro que seu objetivo é denunciar a corrupção e os vícios da sociedade. De acordo com D’Onofrio (1968) a sátira é “poesia sadia e moralizante, aderente à realidade pelo conteúdo e pela linguagem: espelho de vida” (p. 68).

Como abordaremos a sátira social no poema “Quem sou eu?”, consideramos importante trazer algumas informações sobre esse tema. Em seu livro *Os motivos da sátira romana*, Salvatore D’Onofrio (1968) destina um capítulo para a sátira social. Nele o autor diz que a distinção da sociedade em classes vem desde o início da aglomeração humana e se encontra nas origens de qualquer povo.

É conhecida a luta entre os patrícios e os plebeus da Roma primitiva (...). As causas que determinaram a divisão da sociedade romana nas duas classes de patrícios e plebeus são muito discutidas. As origens da *plebs*, como clientela, são ainda obscuras e misteriosas. A opinião mais provável é que a diferenciação de classes se fundamentou numa desigualdade étnica e econômica. Os primeiros que foram habitar nas sete colinas, se constituíram um grupo homogêneo e conseguiram apoderar-se de grandes extensões de terra. Tiveram, assim, mais recursos para armar-se e ocupar os primeiros lugares nos escalões do exército e do governo da cidade, impondo-se aos que chegaram depois. E foi fácil para eles transformar essa supremacia “de fato” numa supremacia “de direito”, excluindo das magistraturas e do comando do exército a grande massa popular, constituída de agricultores, artesãos, comerciantes, provincianos, que chegavam a Roma em busca de sorte. (D’ONOFRIO, 1968, p. 115-116)

A sociedade sempre esteve dividida em duas classes, só que com o passar do tempo surgiu um novo grupo, esse grupo seria formado por aqueles que conseguiram ascender socialmente, mas que vieram da camada mais pobre. Luiz Gama além de criticar a nobreza, critica também esse grupo (formado pelos que conseguem evoluir financeiramente e até conseguem algum status), mas que esquecem suas origens juntando-se aos demais hipócritas elitizados.

Segundo D'Onofrio (1968, p. 117),

Os escritores de sátiras retratam essa sociedade, descrevendo as várias classes sociais em suas mudanças e vícios. Tradicionalistas por natureza, os satíricos condenam a evolução social, que, lentamente, ia determinando uma reviravolta nas antigas instituições de Roma.

Luiz Gama não condena a evolução social, o que ele condena é a hipocrisia que está imersa em boa parte dessa evolução, sobretudo a questão da soberba e da corrupção. Para o poeta não há diferença entre um indivíduo que consegue um diploma, ascende socialmente, mas age como um corrupto e outro corrupto que nasceu em “berço de ouro”.

Como podemos observar as palavras de D'Onofrio complementam e convergem com as de Bakhtin e Frye, no que se refere à crítica às instituições sociais, à censura política e de costumes, ao humor, etc. Todos eles apresentam características que se complementam e que nos ajudam a entender a construção da sátira nos poemas do Luiz Gama.

4. LEITURA DOS POEMAS

Baseados na concepção de sátira dos teóricos citados, passamos agora à leitura de alguns poemas de Luiz Gama, procurando enfatizar seu caráter satírico. Elegemos para análise os poemas “Quem sou eu?”, “Sentimento de gorras para gente do grande tom”, “Pacotilha” e “Farmacopéia”. Os motivos que nos levaram a escolher tais poemas foram: os temas abordados e o alcance da sátira do poeta. Nos poemas mencionados, Luiz Gama não poupa nenhuma esfera da sociedade. Neles são satirizados: os magistrados que traem a justiça; a nobreza; os mulatos que querem se passar por brancos; os clérigos; os militares; as mulheres vaidosas; o velho carola; os políticos; os deuses, entre outros.

Em “Quem sou eu?”, Gama aponta os defeitos e vícios de uma sociedade preconceituosa e corrupta. Utilizando a palavra “bode” como metáfora, o autor se dirige aos diversos tipos sociais na tentativa de mostrar que não há diferença entre as pessoas, sobretudo a diferença de cor de pele, tema central de seu poema. Em “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, Luiz Gama satiriza, assim como em “Quem sou eu?”, os “brancos” que renegam suas origens, ou seja, os descendentes de negros. Nesse poema percebe-se a provocação e a ironia do poeta desde a expressão do seu título “gente do grande tom”, que, na verdade, o leitor descobre que se trata de políticos corruptos.

Em “Pacotilha”, Gama satiriza vários tipos sociais, desde a “velha gorducha” até os “falsários parentes”, expressão que ele utiliza para classificar os mulatos que negam suas origens. Assim como em “Quem sou eu?”, uma das intenções de Gama é afirmar que os tipos sociais que são corruptos estão em um mesmo “pacote”, ou seja, não há diferença de classe social ou cor quando se age de modo errado. No poema “Farmacopéia”, como se pode inferir pelo próprio título, Gama escreve como se fosse um farmacêutico. Com certo tom moralista, passa a caracterizar alguns tipos sociais de modo negativo, em seguida o poeta sugere a medicação para cada pessoa.

A forma carnavalesca como Luiz Gama trabalha em “Farmacopéia” provoca o riso no leitor, pois o carnaval, de acordo com Bakhtin (1981), anula as leis, as proibições que determinam a vida comum. Conforme Frye (1973), o

humor também une-se ao ataque na sátira. Nos poemas selecionados podemos perceber que o humor é provocado justamente pelo jogo de opostos, as comparações entre o elevado e o baixo, o “Barão e o jumento”, como veremos no “Sortimento de gorras...” do poeta.

Ao longo de nossa leitura convocaremos estrofes de outros poemas que possam colaborar com a nossa análise do ponto de vista temático. Segue abaixo o poema “Quem sou eu?”, do qual faremos comentários interpretativos, indicando algumas características da sátira.

QUEM SOU EU?

Quem sou eu? Que importa quem?

Sou um trovador proscrito,

Que trago na frente escrito

Esta palavra- Ninguém!

(A.E.Zaluar – Dores e flores)

1 Amo o pobre, deixo o rico,
Vivo como o Tico-tico;
Não me envolvo em torvelinho,
Vivo só no meu cantinho;
5 Da grandeza sempre longe
Como vive o pobre monge.
Tenho mui poucos amigos,
Porém bons, que são antigos,
Fujo sempre à hipocrisia,
10 À sandice, à fidalguia;
Das manadas de Barões?
Anjo Bento, antes trovões.
Faço versos, não sou vate,
Digo muito disparate,
15 Mas só rendo obediência
À virtude, à inteligência:
Eis aqui o *Getulino*
Que no plectro anda mofino.
Sei que é louco e que é pateta
20 Quem se mete a ser poeta;
Que no século das luzes,
Os birbantes mais lapuzes,
Compram negros e comendas,
Têm brasões, não - das Calendas;
25 E com tretas e com furtos
Vão subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
Só pela *arte do Vieira*,
E com jeito e proteções.
30 Galgam altas posições!
Mas eu sempre vigiando
Nessa súcia vou malhando

De tratante, bem ou mal,
Com semblante festival
35 Dou de rijo no pedante
De pílulas fabricante
Que blasona arte divina
Com sulfatos de quinina
Trabusanas, xaropadas,
40 E mil outras patacoadas.
Que, sem pingo de rubor
Diz a todos que é DOUTOR!
Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
45 Vende a lei, trai a justiça
- Faz a todos injustiça -
Com rigor deprime o pobre
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
E só acha horrendo crime
50 No mendigo, que deprime
- neste dou com dupla força,
Té que a manha perca ou torça.
Fujo às léguas do lojista,
Do beato e do *sacrista* -
55 Crocodilos disfarçados,
Que se fazem muito honrados
Mas que, tendo ocasião,
São mais feros que o Leão
Fujo ao cego lisonjeiro,
60 Que, qual ramo de salgueiro,
Maleável, sem firmeza
Vive à lei da natureza
Que, conforme sopra o vento,
Dá mil voltas, num momento
65 O que sou, e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Posto que já veja irados
Muitos lorpas enfurnados
Vomitando maldições,
70 Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo,
De maçante e mau estilo;

- E que os homens poderosos
Desta arenga receosos
- 75 Hão de chamar-me Tarelo
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu que não me abalo
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
- 80 Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda casta
Pois que a espécie é muito vasta...
- 85 Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres.
- 90 Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios importantes,
E também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
- 95 Nobres, Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas
Deputados, senadores,
Gentis-homens, vereadores;
Belas damas emproadas
- 100 De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais,
- 105 Gentes pobres, nobres gentes
- Em todos há *meus parentes*.
Entre a brava *militança*
Fulge e brilha alta *bodança*;
Guardas, Cabos, Furriéis
- 110 Brigadeiros, Coronéis
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais,
Capitães de mar-e-guerra
- Tudo marra, tudo berra -
- 115 Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
- 120 Também há muitos bodinhos.
O amante de Syringa
Tinha pêlo e má catinga;
O deus Mendes, pelas costas,
Na cabeça tinha pontas;
- 125 Jove, quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E segundo o antigo mito
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão,
- 130 Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas
São cantadas as bodinhas:
Pois se todos têm *rabicho*,
Para que tanto capricho?
- 135 Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse, pois, a matinada,
Porque tudo é *bodarrada!*

Consideramos importante comentarmos o título da obra, *Primeiras trovas burlescas & outros poemas*. Sabemos que “trova”, na Idade média, tinha o mesmo sentido de cantiga e servia também para designar qualquer tipo de poema. Já o termo burlesco refere-se ao gracejo. Massaud Moisés afirma: “o vocábulo ‘burlesco’ designa as obras literárias que, visando ao cômico por meio do ridículo ou da zombaria, encerram a imitação satírica ou parodística de obras sérias” (MOISÉS, 1978, p. 64). Logo, pelo título podemos perceber que o poeta trará, no interior de sua obra, poemas com um viés cômico.

O poema “Quem sou eu?” tem como tema geral a questão da mestiçagem. Luiz Gama apresenta os homens na condição de “bodes”, designação que antes era usada apenas para os mulatos, no entanto, o poeta não faz distinção de cor nem de classe social. Embora seja um poema

que foi escrito por um negro, não há nenhum privilégio direcionado a esse grupo, ao contrário, a sátira do Luiz Gama não poupa ninguém. Além desse tema, Gama critica qualquer espécie de corrupção e hipocrisia nas mais diversas classes, não poupando sequer os “intocáveis” das igrejas, até mesmo os “deuses” são dessacralizados em seu poema.

“Quem sou eu?”, mais conhecido como “Bodarrada”, revela uma afirmação da negritude por Luiz Gama e seus desdobramentos giram em torno da resposta ao próprio título. A crítica do poema se direciona, sobretudo, a pessoas que se consideram brancas num país tão miscigenado como o Brasil. Segundo Zilá Bernd (1988), pode-se falar de “negritude” em dois sentidos:

Em um sentido lato, **negritude** com n minúsculo (substantivo comum) – é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação e a conseqüente realização pela busca de uma identidade negra. Nesta medida, podemos dizer que houve negritude desde que os primeiros escravos se rebelaram e deram início aos movimentos conhecidos como *marronnage*, no Caribe, *cimmarronage*, na América Hispânica, e *quilombismo*, no Brasil, iniciados logo após a chegada dos primeiros negros na América (...) Em um sentido restrito, **Negritude** – com N maiúsculo (substantivo próprio) – refere-se a um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo. (BERND, 1988, p. 20)

Assim, podemos afirmar que os poemas do Luiz Gama têm a intenção de reverter o sentido da palavra negro, assumindo um caráter positivo, mas sua maior contribuição é a divulgação da negritude no sentido de tomada de consciência, mesmo se formos levar em consideração o período em que foi escrito.

Com um tom provocativo, Gama satiriza algumas instituições e pessoas como: homens/mulheres; igreja; magistrado; políticos; comerciantes e também as classes sociais distintas. O poema demonstra a tamanha insatisfação do eu-lírico diante de uma sociedade hipócrita, cheia de mazelas e preconceitos, sobretudo o preconceito relacionado à cor.

O poema “Quem sou eu?” é praticamente uma prévia do Realismo² (embora tenha sido escrito no período da segunda fase romântica), marcado pelo desmascaramento dos vários tipos sociais encontrados numa sociedade escravocrata em que a lei não era a mesma para todos.

Do ponto de vista estrutural o poema é composto por uma estrofe única com 138 versos com sete sílabas poéticas (redondilha maior); as rimas que permeiam o poema se assemelham aos dísticos do tipo (AABB), embora não permaneçam com as mesmas terminações ao longo do poema. Inicialmente, Luiz Gama traz uma epígrafe extraída do poema “Ninguém”, de Augusto Emílio Zaluar (poeta português naturalizado no Brasil), que serve como uma espécie de resumo do que será abordado no poema “Quem sou eu”. Podemos observar a epígrafe abaixo:

Quem sou eu? Que importa quem?
Sou um trovador proscrito,
Que trago na fronte escrito
Esta palavra sim – Ninguém!
(A.E.Zaluar – Dores e flores)

Ou seja, na quadra o eu-lírico se apresenta como proscrito, como alguém que foi vetado/banido e enfatiza tal estado ao dizer que traz na fronte a palavra “ninguém”. Esse pensamento atravessa o corpo do poema em alguns momentos que veremos adiante.

Ao longo do poema iremos perceber que há características da sátira formulada por Bakhtin, sobretudo em relação ao uso de excentricidade. A menipéia busca a supressão das distâncias hierárquicas e sociais, ela se constrói através dos contrastes. Com base nisso, Bakhtin (1981) elenca catorze características desse gênero. Seleccionamos as que mais se repetem nos poemas de Luiz Gama.

Destacamos algumas características que perpassam os poemas em estudo: a elevação excessiva do elemento cômico; a liberdade de invenção temática e filosófica (a menipéia não está presa às exigências de verossimilhança externa); o uso de novas categorias como excentricidade; o

² Por realismo, Candido/Castello (1981) afirmam que foi uma geração de alto relevo, que uniu a consciência crítica à inspiração. Esse período consistiu basicamente em rejeitar o idealismo do romantismo e seus adeptos preconizavam maior realidade na descrição dos costumes em geral e nas relações entre os sexos em particular.

escândalo; declarações inoportunas; violações às normas e às etiquetas comportamentais e de discursos; o desmascaramento profanador do sagrado; os jogos com passagens de mudanças bruscas, com presença de antíteses e contradições violentas; a presença de temas voltados à literatura político-social ou publicística caracteristicamente centrados na atualidade; e o surgimento dos “tipos sociais” em todas as camadas da sociedade.

Podemos dizer que o poema “Quem sou eu” reflete um pouco do que o poeta foi em sua época, um abolicionista que lutava pelos seus ideais e tinha como sua defesa o ataque a qualquer tipo de injustiça. Luiz Gama não se limitava a criticar apenas a “nobreza”, mas qualquer classe/ pessoa (branco ou negro)/ instituição, que se camuflasse com o intuito de enganar o outro ou até mesmo a sociedade.

Nas palavras de Zilá Bernd:

A obra de Luiz Gama constitui-se, pois, em um marco no processo de conscientização do negro brasileiro e também da literatura negra brasileira porque, pela primeira vez, põe a nu as tensões e contradições da sociedade às vésperas da Abolição, redimensionando o papel do negro nessa sociedade. (BERND, 1988, p. 46)

Em nenhum momento o poeta quer se esconder, pelo contrário, Gama se intitula como negro no poema, deixando claro que não tem a intenção de ser reconhecido, mas, sim, de denunciar todo tipo de hipocrisia. Podemos observar isso pela própria utilização dos verbos em primeira pessoa nos versos de 1 a 6: “Amo o pobre, deixo o rico,/ Vivo com o tico-tico; Não me envolvo em torvelinho,/ vivo só no meu cantinho: Da grandeza sempre longe/ como vive o pobre monge”.

Nota-se nesses versos que o eu-lírico é um ser humano observador que prefere as coisas simples, tanto que se compara a um pobre monge e já aponta seu descontentamento para com os ricos. Esses ricos, que serão abordados logo mais, não são criticados por terem dinheiro, mas, sim, por se passarem por “inocentes” quando na verdade estão envolvidos em falcatuas.

Destacaremos alguns versos que consideramos pertinentes para exemplificar a sátira do poema. Em “Fujo sempre à hipocrisia,/ À sandice, à fidalguia”, percebemos a marca de um eu-lírico que não tolera hipocrisia e essa

afirmação é reforçada nos versos 13 a 18: “Faço versos, não sou vate,^{3/} Digo muito disparate, Mas só rendo obediência/ À virtude, à inteligência:/ Eis aqui o *Getulino*, Que no plectro anda mofino”. Getulino foi um pseudônimo utilizado por Luiz Gama para se ocultar devido à forte repressão na época.

Um aspecto importante de “Quem sou eu?” é o caráter metalingüístico, como na passagem “Faço versos, não sou vate” e ainda na concepção de poeta que aparece no poema. Nos versos 19 a 30, Gama faz uma reflexão sobre essa questão:

³ Vate – latim vate(m), profeta. Conforme Massaud Moisés (1978), “Na Antiguidade clássica, aos poetas era atribuído, graças à sua linguagem rítmica, o dom de profetizar; daí serem chamados de vates. Modernamente, o vocábulo é sinônimo de ‘poeta’”. (p. 507)

Sei que é louco e que é pateta
 Quem se mete a ser poeta;
 Que no século das luzes,
 Os birbantes mais lapuzes,
 Compram negros e comendas,
 Tem brasões, não – das
 Calendas,
 E com Tretas e com furtos

vão subindo a passos curtos;
 Fazem grossa pepineira,
 só pela “arte do Vieira”
 E com jeito e proteções
 Galgam altas posições!

Ou seja, estamos falando de um eu-lírico que faz versos, mas que não se considera certo tipo de poeta, o vate (o inspirado), pois configura em sua poesia uma função social. Estamos falando de poeta no sentido romântico, pois podemos verificar que há uma desidealização do romantismo através das palavras: pateta/ poeta.

O eu-lírico faz referência ao Século das Luzes, remetendo ao Iluminismo⁴ – movimento intelectual que se desenvolveu durante o século XVIII na Europa e que defendia o uso da razão e do conhecimento – e, por consequência, ao fato de se deparar com situações em que indivíduos sem dignidade compram negros e comendas (benefícios concedidos antigamente a eclesiásticos e a cavaleiros de ordens militares, sendo que a concessão era feita pelo papa). E que esses mesmos sujeitos corruptos conseguem galgar altas posições, pois são protegidos, ou seja, uma crítica explícita à aristocracia e a todo tipo de corrupção que ocorria naquela época.

Nos versos 35 a 42, notamos que o eu-lírico segue o mesmo ataque, não tolera as pessoas que ostentam algo que não são:

⁴ Conforme Nicola Abbagnano (1998), “Iluminismo 2 (in. Enlightenment: fr. Philosophiedes lumières. ai. Aufklärung; it. Illumi-nismó). Linha Filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana”. (p. 534)

Dou de rijo no pedante
De pílulas fabricante,
Que blasona arte divina,
Com sulfatos de quinina

Trabuzanas, xaropadas,
e outras mil patacoadas,
Que sem pingo e sem rubor,
Diz a todo que é DOUTOR!.

O “sulfato de quinina” mencionado acima é um medicamento utilizado no tratamento da malária. A crítica, portanto, é direcionada aqueles que dizem que são doutores sem nenhuma modéstia, mas que na verdade assumem uma função sem ser, de fato. Ou seja, não importa o conteúdo, mas apenas a aparência, nesse caso, o título de doutor.

Nos próximos versos, de 43 a 50, veremos o viés crítico do poeta de forma mais acentuada e clara:

Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trai a justiça
– Faz a todos injustiça –

com rigor deprime o pobre,
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
só acha horrendo crime
No mendigo que deprime.

Novamente é pontuada a questão da hipocrisia e da corrupção dos magistrados que cometem injustiças por não julgar com a mesma rigidez os nobres, mas, sim, os pobres (marginalizados) de forma intransigente. Essa defesa do pobre e denúncia da justiça se constitui numa atitude verdadeiramente de vanguarda tendo em vista o contexto da época.

Alguns elementos da sátira pontuados por Bakhtin (1981) e Frye (1973) estão presentes no poema, como podemos observar em:

Fujo as léguas do lojista,
Do beato e do *sacrista* –
Crocódilos disfarçados,
que se fazem de honrados,
Mas que tendo ocasião,
São mais feros que o leão.

Nas palavras de Frye (1973), “o satirista tem de selecionar suas absurdidades e o ato de selecionar é um ato moral” (p. 220). A sátira também tem como característica disseminar princípios morais, visando combater alguns vícios da sociedade de forma sarcástica e é isso que Luiz Gama faz.

Nos versos acima, o poeta não demonstra nenhum tipo de piedade, pelo contrário, expõe de forma crítica sua visão sobre o beato e o sacrista,

dessacralizando a imagem de pessoas que deveriam ser exemplos da moral. Lembrando que Luiz Gama não está atacando pessoas específicas nem promovendo um discurso de ódio contra as mesmas, o satirista ataca a instituição a qual tais membros pertencem, justamente pelo fato de que essas pessoas deveriam agir de maneira íntegra.

Dos versos 65 a 80, percebemos que o eu-lírico não se importa nem um pouco com a opinião das pessoas, pelo contrário, ele tem a consciência da reação de revolta que causa naqueles que são contra suas reflexões, tanto que ele diz: “Hão de chamar-me – tarelo”. Mas que continuará com seu badalo intrigando muita gente:

O que sou e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
posto que já veja irados
Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições,
Contra minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo,

De maçante e mau estilo;
e que os homens poderosos
D’esta arenga receosos
Hão de chamar-me – tarelo,
Bode, negro, ou Mongibelo;
Porém eu que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.

Podemos observar que a questão dos “jeitos e proteções” que Luiz Gama traz em seu poema é algo que ocorre até hoje na sociedade. Nesse sentido, percebemos um dos traços da sátira menipéica de Bakhtin (1981) – as declarações inoportunas, violações às normas e às etiquetas comportamentais de discurso, além da excentricidade sempre presente do poeta. Podemos notar isso em: “Mas eu sempre vigiando/ Nessa súcia vou malhando/ De tratantes, bem ou mal,/ com semblante festival”. Súcia (grupo de indivíduos de péssima reputação) – é justamente nessas pessoas que se centraliza a observação do eu-lírico.

O vocabulário de que lança mão revela o caráter crítico e “inoportuno” para quem age de modo inadequado. É importante ressaltar que o poeta também utiliza em alguns momentos uma linguagem popular, podemos perceber isso através da utilização das seguintes palavras: bode, badalo, tratantes e arenga.

Dos versos 81 a 92, o poema assume um caráter cômico devido à utilização do substantivo “bode” como adjetivo, caracterizando alguns tipos sociais citados por Luiz Gama:

Se negro sou, ou sou bode,
pouco importa.
O que isto pode?
bodes há de toda casta,
Pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,

Bodes negros, bodes brancos,
e sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes.

Nesse momento do poema, Gama mostra a figura do bode como representação de alguns tipos sociais. No artigo “O sonho sublime de um escravo”, Ferreira (2013) afirma que Gama “rejeita o sentido negativo de “negro”, bem como o da pejorativa “bode”, aplicada aos mulatos de pele escura”. De fato, Gama rejeita o sentido negativo da palavra “negro”, mas ele não retira o sentido pejorativo do “bode”, pelo contrário. Em seu engendramento estético, o poeta retoma o “bode” para reconfigurar a semântica sem valor da palavra e estende seu sentido pejorativo aos brancos (Bodes brancos). Desse modo, para o poeta o “bode” se torna um signo de alcance amplo e sua função no poema é criticar as mazelas de uma sociedade miscigenada que insiste em falar em diferença de cor.

Uma das características da sátira é a produção do riso. Nas palavras de Bakhtin (1981, p. 98), “a menipéia aumenta globalmente o peso específico do elemento cômico”. Podemos notar tal característica nos versos 93 a 100:

Aqui n’esta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas[,]
Ricas Damas e Marquesas,

Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores
Belas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas.

A metáfora de pessoas como bodes que marram produz o riso. A elevação excessiva do elemento cômico e o surgimento dos tipos nas camadas da sociedade são características presentes na sátira menipéia, elementos que Luiz Gama retoma de forma veemente em seu poema. Conforme Bakhtin (1981), “a menipéia gosta de jogar com passagens bruscas, o alto e o baixo, ascensões e decadências” (p. 101). No poema acima temos o homem e o

bode, os opostos sendo comparados, sobretudo se formos pensar na ausência de refinamento do bode.

Podemos dizer, de modo geral, que a crítica de todo poema é direcionada à nobreza, ao magistrado, ao branco, ao negro, ao beato e ao sacrista “que se fazem de honrados”, ou seja, aos corruptos de qualquer espécie, ninguém escapa das farpas do autor. E para tanto, L.G utiliza vários adjetivos em sua construção satírica. Vejamos alguns deles: *birbantes; lapuzes; pedante; disfarçados; honrados; lisonjeiro; lorpas; enfunado; maçantes; tratantes; emproadas; repimpados e fanfarrões*. Esses são os adjetivos principais, dentre tantos outros. Também é importante destacar o uso do substantivo “bode” como adjetivo caracterizando pessoas, já citado anteriormente.

Segundo Frye (1973), duas coisas são essenciais à sátira; uma é o humor baseado num senso de absurdo e a outra é o ataque. De modo impetuoso, o eu-lírico nos versos 101 a 114 ataca um grupo de pessoas que assume uma função moralizadora na sociedade ou que deveriam assumir, como por exemplo: Frades, Bispos, Cardeais. A denúncia se direciona também à realeza de modo pejorativo, ao utilizar “repimpados principotes” e aos militares de modo geral:

Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais,
Gentes pobres, nobres gentes,
Em todos há meus *parentes*.
Entre a brava *militança*

Fulge e brilha alta *bodança*
Guardas, Cabos, Furriéis,
Brigadeiros, Coronéis,
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais
Capitães de mar e guerra,
– Tudo marra, tudo berra –.

Conforme a visão do eu-lírico todos são seus parentes, portanto “tudo marra, tudo berra”, lembrando novamente a questão da miscigenação. Para tanto o poeta se vale dos contrastes da menipéia ao trazer representantes militares da menor a mais alta patente com a intenção de mostrar que a única diferença entre eles é o cargo hierarquicamente ocupado.

Seguindo a sequência do poema, passamos para o último momento em que podemos perceber de modo claro as declarações inoportunas, características da menipéia formuladas por Bakhtin (1981) e presentes no

poema em estudo. Conforme o autor “a ‘palavra inoportuna’ é inoportuna por sua franqueza cínica ou pelo seu desmascaramento profanador do sagrado ou pela violação da etiqueta” (p. 101).

Gama, nos versos que seguem abaixo, não poupa nem sequer os deuses ao remontar a imagem de Jove (deus romano) chupitando leite caprino e também faz uma relação entre Fauno e o bode ao dizer “E segundo antigo mito/ Também Fauno foi cabrito” (segundo mito, Fauno seria um deus protetor dos pastores e rebanhos que possui cabeça de homem e corpo de bode). Logo, notamos que o poeta não utiliza o deus Fauno como um elemento aleatório, mas, sim, como espécie de justificativa para suas afirmações a respeito do bode.

Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos. –
O amante de Siringa
Tinha pêlo e má catinga;
O deus Mendes, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;

E, segundo o antigo mito,
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas
São cantadas as bodinhas:
Pois se todos têm rabicho,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse, pois a matinada,
Porque tudo é *bodarrada!* –

Para finalizar, ele dessacraliza toda a imagem de um costume religioso ao afirmar que “um bode guarda o Alcorão” e até nos lundus (dança e canto de origem africana) também são cantadas as bodinhas ao invés de “modinhas”, sendo que essa troca de palavras provoca o riso. Segundo Bakhtin (1981, p. 220), “quase toda denúncia se bastante vigorosa, é seguida pelo leitor com uma espécie de prazer que logo raia o riso”.

Verificamos que há uma comicidade em todo o poema, mas de forma enfática nos últimos versos em que o eu-lírico pergunta: “Para que tanto capricho se todos têm rabicho?”. Ou seja, por que as pessoas insistem em achar que são superiores às outras, se na verdade são todas iguais? Um pobre tem a mesma predisposição para a corrupção quanto um rico, basta que ele queira assumir tal postura. Não há diferença de cor ou classe social que o torne melhor que o outro. A reflexão que o poeta traz no final do poema é a questão da igualdade entre as pessoas “Cesse, pois a matinada,/ porque tudo é bodarrada!”.

Procederemos com a nossa leitura, no poema “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, observando não só a sátira social, mas, sobretudo, a sátira política. Luiz Gama mais uma vez dirige sua sátira à nobreza, aos mulatos (aqueles que se passam por brancos), aos políticos, aos magistrados e à justiça que se vende, ou seja, à corrupção de modo geral e especificamente a que ocorre no Brasil. Selecionamos algumas estrofes do poema para tecermos comentários acerca das características da sátira. Em alguns momentos convocaremos estrofes dos outros dois poemas, “Pacotilha” e “Farmacopéia”. O intuito é reforçar nossas afirmações sobre a construção satírica de Luiz Gama a partir dos temas recorrentes. Segue abaixo o poema:

SORTIMENTO DE GORRAS PARA GENTE DO GRANDE TOM

*Seja um sábio o fabricante,
Seja a fábrica mui rica,
Quem carapuças fabrica
Sofre um dissabor constante:
Obra pronta, voa errante,
Feita avulso, e sem medida;
Mas no vôo suspendida,
Por qualquer que lhe apareça,
Lá lhe fica na cabeça,
Té as orelhas metidas.*

(Faustino Xavier de Novais)

Se o grosseiro alveitar ou charlatão
 Entre nós se proclama sabichão;
 E, com *cartas* compradas na Alemanha,
 Por anil nos impinge ipecacuanha;
 Se mata, por honrar a Medicina,
 Mais voraz do que uma ave de rapina;
 E n'um dia, se errando na receita,
 Pratica no mortal cura perfeita;
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
 Pois tudo no Brasil é raridade!

Se os *nobres* desta terra, empanturrados,
 Em Guiné têm parentes enterrados;
 E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
 Esquecem os negrinhos seus patrícios;
 Se mulatos de cor esbranquiçada,
 Já se julgam de origem refinada,
 E, curvos à mania que domina,
 Desprezam a *vovó* que é preta-mina: —
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,

Pois tudo no Brasil é raridade!
 Se o governo do Império Brasileiro,
 Faz coisas de espantar o mundo inteiro,
 Transcendendo o Autor da geração,
 O jumento transforma em sor Barão;
 Se o estúpido matuto, apatetado,
 Idolatra o papel de mascarado;
 E fazendo-se o lorpa deputado,
 N'Assembléia vai dar seu — *apolhado*!
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
 Pois tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,
 Fazendo que o Camelo seja Gato,
 Levando o seu domínio a ponto tal,
 Que torna em sapiente o *animal*;
 Se deslustram honrosos pergaminhos
 Patetas que nem servem p'ra meirinhos
 E que sendo formados Bacharéis,
 Sabem menos do que pecos bedéis:
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
 Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,
 Bons Ministros, e outros chuchadores;
 Que se aferram às tetas da Nação
 Com mais sanha que o Tigre, ou que o Leão;
 Se já temos calçados — *mac-lama*,
 Novidade que esfalfa a voz da Fama,
 Blasonando as gazetas — que há progresso,
 Quando tudo caminho p'ro regresso:
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,

Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,
 Porque são de potências afilhados,
 E sucumbe, à matroca, abandonado,
 O homem de critério, que é honrado;
 Se temos militares de trapaça,
 Que da guerra jamais viram fumaça,
 Mas que empolgam chistosos ordenados,
 Que ao povo, sem sentir, são arrancados:
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
 Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se faz oposição o Deputado,
 Com discurso medonho, enfarruscado;
 E pilhado a maminha da lambança,
 Descrepa do papel, e faz mudança;
 Se esperto capadócio ou maganão,
 Alcança de um jornal a redação,
 E com quanto não passe de um birbante,
 Vai fisgando o metal aurissonante:
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
 Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se a guarda que se diz — Nacional,
 Também tem caixa-pia, ou musical,
 E da qual dinheiro se evapora,
 Como o — Mal — da boceta de Pandora;
 Se depois por chamar nova pitaça,
 Se depois se conserva a — Esperança;
 E nisto resmungando o cidadão
 Lá vai ter ao calvário da prisão;
 Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
 Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se temos majestosas Faculdades,
 Onde imperam egrégias potestades,
 E, apesar das luzes dos mentores,
 Os burregos também saem Doutores;
 Se varões de preclara inteligência,
 Animam a defender a decadência,
 E a Pátria sepultando em vil desdouro,
 Perjuram como Judas — só por ouro:
 É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
 Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental — *Constipação*,
 Faz papel de falaz camaleão,
 E surgindo no tempo de eleições,
 Aos patetas ilude, aos toleirões;
 Se luzidos Ministros, d'alta escolha,
 Com jeito, também mascam *grossa rolha*;
 E clamando que — são independentes —,
 Em segredo recebem bons presentes:
 É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,

Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Justiça, por ter olhos vendados,
É vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor aferrando na gaveta,
Sustentam — que o Direito é pura petá;
E se os altos poderes sociais,
Toleram estas cenas imorais;
Se não mente o rifão, já mui sabido:
Ladrão que muito furta é protegido —
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se ardente campeão da liberdade,
Apregoa dos povos a igualdade,
Libelos escrevendo formidáveis,
Com frases de peçonha impenetráveis;
Já do Céu perscrutando alta eminência
Abandona os troféus da inteligência;
Ao som d'aragem se curva, qual vilão,
O nome vende, a glória, a posição:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

E se eu, que amigo sou da patuscada,
Pespego no Leitor esta maçada;
Que já sendo avezado ao sofrimento,
Bonachão se tem feito pachorrento;
Se por mais que me esforce contra o vício
Desmontar não consigo o artifício;
E quebrando a cabeça do Leitor
De um tarelo não passo, ou falador;
É que tudo que não cheira a pepineira
Logo tacham de maçante frioleira.

No poema acima podemos verificar que o próprio título funciona como “carapuças para gente do grande tom”. Ao longo do poema, Gama se dirige ao leitor, chamando atenção do mesmo para a corrupção que ocorre em nosso país: “Não te espantes, ó leitor, da novidade, pois que tudo no Brasil é raridade”. O poeta utiliza a repetição desse verso no final de cada estrofe para enfatizar a questão da corrupção e da permissividade em nosso país, ou seja, nada é raridade num país em que a própria justiça é vendida.

Na seguinte estrofe podemos observar a crítica direcionada aos mulatos que se acham brancos, os “mulatos de cor esbranquiçada”, aqueles que esquecem suas origens:

Se mulatos de cor esbranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,

E, curvos à mania que os domina,
 Desprezam a *vovó* que é preta-mina:
 Não te espantes, ó leitor, da novidade,
 Pois que tudo no Brasil é raridade!

A mesma crítica aos “mulatos esbranquiçados” ocorre nos seguintes versos de “Pacotilha”: “É que não tolero/ Falsários parentes,/ Ferrarem-me os dentes,/ Por brancos passando”.

Como foi citado no capítulo anterior, conforme Frye (1973), uma das características da sátira é a comparação do homem com um animal. Tal atitude pode ser observada nos seguintes versos:

Se o governo do Império Brasileiro,
 Faz coisas de espantar o mundo inteiro,
 Transcendendo o Autor da geração,
 O **jumento** transforma em sor Barão;
 Se o estúpido matuto, apatetado,
 Idolatra o papel de mascarado;
 E fazendo-se o lorpa deputado,
 N’Assembléia vai dar seu – *apolhado!*
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
 Pois tudo no Brasil é raridade!
 (Gama, 2000, p. 18 - grifo nosso)

O poeta utiliza “jumento” para ridicularizar a figura do “senhor Barão” e através desse jogo de opostos estende também o seu ataque ao matuto que se mascara. Aqui percebemos que a intenção do autor não é falar mal do matuto que se torna político nem do Barão, mas, sim, do disfarce, da hipocrisia de muitos representantes da classe política. A crítica direcionada aos políticos, bem como a comparação com um animal, também pode ser observada nos seguintes versos do poema “Farmacopéia”:

Para o gênio sagaz de um *pai da Pátria*,
Amante da pobreza desvalida,
 Que lambisca aos patetas o que pode,
 E lá mete n’ aljaba fermentida –
 Uma denúncia,
 Com documentos,
 Onde as **ratadas**
 Pulem aos centos.
 Depois da cadeia,
 Calceta ao pé;
 Que é cousa santa
 Contra o *filé*.
 (GAMA, 2000, p. 109 – grifo nosso)

Ou seja, para aquele político que dá aos pobres apenas “petiscos” e esconde na bolsa “coisas enganosas”, o eu-lírico sugere o remédio: “Uma denúncia,/ com documentos,/ onde as ratadas/ pulem aos centos”. Mais uma vez, temos a comparação do homem corrupto com o animal e nesse caso com o “rato”, o roedor que tudo destrói e que geralmente as pessoas o associam ao ladrão.

Essa comparação do homem com o animal é algo recorrente nos poemas de Luiz Gama. Além dos trechos que citamos agora, em “Quem sou eu?”, analisado anteriormente, Gama aponta os sacristas como “crocodilos disfarçados” e o “bode” direciona-se a todas as pessoas de moral comprometida e que são hipócritas, não sobrando sequer os deuses (Jove, Fauno e Plutão), no conhecido “bodarrada”. A construção do poeta também revela uma das características da sátira que Bakhtin (1981) pontua, “as declarações inoportunas, o escândalo e a ação de desmacaramento profanador do sagrado”, esta última notada pela metáfora dos “crocodilos disfarçados” em relação ao beato e o sacrista.

Na próxima estrofe, retirada do poema “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, iremos perceber mais uma característica da sátira apresentada por Bakhtin (1981): a presença de temas voltados à literatura político-social centrados na atualidade.

Se a Lei fundamental — *Constipação*,
Faz papel de falaz camaleão,
E surgindo no tempo de eleições,
Aos patetas ilude, aos toleirões;
Se luzidos Ministros, d’alta escolha,
Com jeito, também mascam *grossa rolha*;
E clamando que – são independentes –,
Em segredo recebem bons presentes:
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Luiz Gama faz um trocadilho com a palavra “Constipação”, que deveria ser “Constituição”, com o sentido de criticar a ineficácia da mesma. Além disso, o poeta faz menção aos políticos que, em época de eleições, iludem os “patetas”, ou seja, os ignorantes da população. E ainda ataca os “luzidos Ministros”, os que recebem “bons presentes”, ou seja, aqueles que se corrompem em função de seus interesses.

O tema abordado por Luiz Gama é extremamente atual. A corrupção é algo que ocorre nas mais variadas esferas da sociedade. No entanto, o poeta chama atenção para o que ocorre especificamente no Brasil, o descaso com a lei, a constatação de que no Brasil há políticos e ministros “sábios”, que só querem “empantufar a larga pança”.

De acordo com a leitura do poema, Gama ironiza toda a situação vexatória do Brasil e diz que o leitor não deve se espantar com suas afirmações, pois a corrupção é algo que ocorre no Brasil de modo impune, como podemos observar em:

Se a Justiça, por ter olhos vendados,
É vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor aferrando na gaveta,
Sustentam – que o Direito é pura petá;
E se os altos poderes sociais,
Toleram estas cenas imorais;
Se não mente o rifão, já mui sabido:
Ladrão que muito furta é protegido –
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

O carnaval, assim como a sátira, anula as proibições, logo, Gama não economiza palavras ao atacar a “gente do grande tom”, a justiça que é cega, vendida, e a omissão dos “altos poderes sociais”. O poeta ainda utiliza uma espécie de adágio vulgar, “*ladrão que muito furta é protegido*” (grifo do autor).

O tema da corrupção e da ineficácia das leis é repetido numa estrofe do poema “Pacotilha”:

Se audaz rapinante (sic),
Fidalgo ou Barão,
Por ser figurão,
Triunfa da Lei;
É que há Magistrados
Que empolgam presentes,
Fazendo inocentes
Os manos da grei.

Um dos aspectos que chama atenção nos poemas de Luiz Gama e que colabora para a construção da sátira é a linguagem que o autor emprega. Em *Introdução à estilística*, Nilce Sant’anna Martins (1989) escreveu um capítulo intitulado “A estilística da palavra”. Nele Martins afirma que “Os elementos emotivos que entram na constituição do sentido das palavras são de máximo interesse para a Estilística” (p. 78). Segundo a autora, os recursos gráficos como aspas, grifo,

maiúsculas/minúsculas, tipos de impressão e outros revelam a tonalidade afetiva de uma palavra. Diante disso, podemos notar que Luiz Gama utiliza os elementos emotivos para chamar atenção do leitor para algumas palavras, em sua maioria, aquelas que o poeta quer destacar como alvo de seus ataques. Como por exemplo, *bodes brancos*, *sacrista*, *bodarrada*, *militança*, todas essas contidas no poema “Quem sou eu?”, grifadas em itálico. No poema “Pacotilha” encontramos grifos em *poeta*, *Barão*, *cor*, entre outras.

Notamos também que há expressões e versos inteiros grifados em itálico: “*C’o gente de fama*” e “*Os manos da grel*”, ambos os versos do mesmo poema. E em “Sortimento de gorras para gente do grande tom” temos o seguinte verso: “– *Ladrão que muito furta é protegido* –”. Ou seja, o poeta, além de satirizar as instituições e pessoas, utiliza o grifo para enfatizar a sua fala. É como se o autor quisesse o tempo todo guiar o seu leitor e chamar atenção para a crítica intrínseca do seu poema.

De acordo com Martins (1989), são carregadas de afetividade as palavras que exprimem um julgamento pessoal e nesse caso “predominam os adjetivos que atribuem qualidades positivas/negativas, valorizadoras, depreciativas, que podem ser distribuídas semanticamente no campo de bom/mau” (p. 79). Ao ler os poemas de Luiz Gama verificamos os seguintes adjetivos: empanturrados/ esbranquiçada/ apatetado/ lorpa/ chuchadores/ maganao/ patuscada – presentes no poema “Sortimento de gorras para gente do grande tom”; papalvas/ belas/ saberete/ filante – presentes no poema “Farmacopéia”; maçante/ finório/ larápio/ falsários/ esfolado – presentes no poema “Pacotilha”. Quase todos expressando um viés depreciativo.

Embora seus poemas também tenham um caráter de denúncia, Luiz Gama, em “Pacotilha” e “Farmacopéia”, adotou um viés mais cômico, pois em ambos o poeta satiriza não só instituições, mas também alguns tipos sociais, sendo que a caracterização desses tipos é o que provoca o riso. Como podemos observar em:

Se velha caduca,
De face rugosa,
Pretende ansiosa
Gentil namorado;
Com feias caretas
O dente arreganha,
Suspira por manha –
É triste pecado.

E tendo na boca
Postiço teclado,
Com cera pegado,
Que joga e chocalha,
Das moças critica,
Com sanha de fúria,
Banindo a luxúria –
Não passa de gralha.

A identificação da vaidade da “velha”, a metáfora do postiço teclado para caracterizar a dentadura da senhora revela o tom humorístico do poeta, assim como a associação da velha a uma gralha (nome comum para vários tipos de pássaros pequenos e barulhentos), o que nos faz lembrar o postulado de Propp (1993) sobre o efeito humorístico ao comparar o homem a animais. O mesmo tom humorístico é percebido em uma estrofe do poema “Farmacopéia”:

Para as belas amantes do postiço
Que metem barbatanas pela saia,
Onde o vento brejeiro, remexendo,
Deixa ver as perninhas de lacraia –

Temos balões,
Torcida e gás –
Estopa grossa
Com água-rás;
E de farelos
Um travesseiro
Para enfunar
O alcatreiro.

A sátira, nessas duas últimas estrofes, não é feita a nenhuma instituição, mas, sim, a mulheres, uma que o poeta descreve como “velha” e a outra cuja idade não é revelada. No entanto, ambas possuem algo em comum, a vaidade, o “amor” pelo postiço. A primeira identificada pelo “postiço teclado” (dentadura) e a outra por também ser amante do “postiço” e utilizar “barbatanas pela saia”, ou seja, enchimentos. Nota-se também que nos dois trechos selecionados há uma comparação entre a mulher e um animal de modo depreciativo visto em “galha e perninhas de lacraia”. Segundo D’Onofrio (1968, p. 71)

O ofício do escritor de sátiras é apontar os defeitos e vícios da sociedade, sem que se preocupe com as causas ou sugira os remédios. Todavia, muitas vezes, o poeta satírico toma o lugar do moralista e insinua os medicamentos que ele acha idôneos para a cura do mal.

Em “Farmacopéia” Luiz Gama, insinua de modo divertido e irônico, o medicamento necessário para as “belas amantes do postiço” – um travesseiro para encher as nádegas. O poeta, em alguns momentos, toma o lugar do moralista e critica a questão da vaidade e da inveja feminina, por isso a sugestão dos medicamentos. No entanto, percebe-se que há uma ironia na sugestão desses

medicamentos, pois sugerir “balões, travesseiros e estopas grossas” para encher as nádegas de uma mulher é no mínimo um modo de ridicularizar a questão da vaidade feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como eixo central demonstrar a dimensão satírica dos poemas de Luiz Gama. Um ex-escravo, autodidata que conseguiu se tornar jornalista e poeta, além de ter atuado como advogado e ter libertado vários escravos. Em nosso trabalho procuramos nos desvencilhar um pouco do estudo sobre o abolicionista, pois nosso intuito foi justamente comentar o valor de sua obra e não apenas fazer mais um trabalho biográfico sobre o autor.

A biografia do poeta não foi nosso ponto principal, embora ela seja importante para que os leitores/pesquisadores possam entender a fundo suas origens. Não há como separar a historiografia da obra, até porque é necessário que entendamos um pouco sobre o período ao qual as *Primeiras trovas burlescas* foram escritas, sobre o que estava por traz do autor negro menos prestigiado pela crítica literária.

Vimos o quanto é perigoso tentar enquadrar um poeta em um determinado período literário, desprezando as características dos seus poemas. Visto como poeta da segunda geração do Romantismo, Luiz Gama, em sua obra, apresenta mais características da terceira geração por produzir uma poesia de cunho social. É fato que o poeta produziu alguns poemas líricos, inclusive citamos alguns títulos em nosso trabalho, mas a quantidade de poemas satíricos foi bem maior.

Com uma única obra escrita, de um valor inegável, Gama através de suas sátiras fustigou o governo brasileiro, os magistrados, os clérigos, a nobreza, o “mulato esbranquiçado” que nega suas origens porque tem de “galgo o longo focinho”, as mulheres vaidosas da sociedade “amantes do postiço”, etc. Vivendo em um período em que o negro não tinha voz, Luiz Gama gritou com suas trovas ao mundo inteiro as mazelas e os vícios da sociedade. E nesse aspecto ele foi o “inverso” de muitos poetas que louvavam a pátria brasileira, pois denunciou todo tipo de corrupção não escapando nem sequer a igreja católica, esta última que, segundo Comparato (2007) não demonstrou nenhum empenho pela abolição da escravatura até as vésperas do 13 de maio.

O poeta continua sendo visto, em sua maioria, pelo grande advogado e abolicionista que foi. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido por J. Romão da Silva e Lígia Fonseca Ferreira foi essencial para o reconhecimento de sua obra. Reconhecimento merecido e que muitos críticos o tem negado, pois preferiram falar

sobre o que Luiz Gama não fez enquanto poeta. Levando em consideração o período em que muitos críticos escreveram, notamos que a maioria das afirmações acerca da obra de Luiz Gama revela um discurso preconceituoso de uma sociedade elitista.

Vimos em nossa leitura que os poemas de Luiz Gama possuem características carnavalescas que se aproximam com as da sátira menipéia pontuadas por Bakhtin (1981). Os poemas do autor revelam a anulação das proibições que determinavam a vida comum, bem como a eliminação da distância entre os homens. Sabemos que a sátira consiste na censura dos males da sociedade e dos indivíduos e que o satirista assume o papel moralizante. Nesse sentido, Gama através de sua crítica, tenta chamar atenção para a questão da igualdade entre os homens.

O nosso trabalho com a leitura interpretativa dos poemas “Quem sou eu?”, “Sortimento de gorras para gente do grande tom”, “Pacotilha” e “Farmacopéia” foi de grande valor, pois nos possibilitou perceber a riqueza dos elementos emotivos presentes na linguagem utilizada pelo poeta, como também suas estratégias ao grifar algumas palavras e expressões com o intuito de chamar a atenção do leitor para a sua crítica.

A partir dos poemas das *Primeiras trovas burlescas*, buscamos ressaltar as características da sátira: As declarações inoportunas, as violações às normas e às etiquetas comportamentais e os surgimento dos tipos sociais apresentados por Bakhtin (1981); a comparação do homem com um animal e o humor pontuados por Frye (1973) e Propp (1993); as declarações de D’Onofrio (1968) acerca da sátira social. Podemos concluir que todas essas entre outras estão presentes nos poemas que estudamos de Luiz Gama. Conseguimos através de nossa leitura interpretativa responder quais as instituições que são satirizadas e os tipos sociais, bem como o alcance da sátira do poeta. Nossa pesquisa tornou-se importante por retomar os estudos sobre a poesia de Luiz Gama, esta que vem sido esquecida e menosprezada em meio à história da literatura.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elciene de. **Orfeu de Carapinha**. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévski in **Problemas da poética de Dostoiévski**/Mikhail Bakhtin; tradução de Paulo Bezerra. – Rio de Janeiro: Ed. Forense- Universitária, 1981, p. 87-155.

BEL, Judith. Planejando o projeto. In: Bel, Judith. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. 4ª tradução. Magda F. Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 31-45.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750-1880**. 8 ed. Rio de Janeiro: Italaia limitada, 1997.

CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo, 1987.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática. São Paulo. 1997, p. 249 -275.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Metodologia do trabalho intelectual**/ Salvatore D'Onofrio. – São Paulo: Atlas, 1999, p. 75 – 98.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Os motivos da sátira romana**. Marília(SP): Alfa, 1968.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Com a palavra Luiz Gama. Poemas, Artigos, Cartas, Máximas**. São Paulo : Imprensa Oficial, 2011.

_____. “Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan”, in *Estudos Avançados* 21 (60), São Paulo, 2007, p. 271-288 (Disponível em versão digital : <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10253>)

_____. “Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça”. In: *Teresa. Revista de Literatura Brasileira*, n. 8/9; São Paulo, 2008, p. 300-321.

_____. “O sonho sublime de um ex-escravo”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 2013. (Disponível em : <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/o-sonho-sublime-de-um-ex-escravo>)

_____ “Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama”. Artigo Mestre, in : *Revista Crioula* n. 12, novembro 2012. Disponível em : <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57813/60862>

FRYE, Northrop. O mythos do inverno: a Ironia e a Sátira in **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GOLDSYEIN, NORMA. **Versos, Sons, Ritmos**. Série Princípios; Editora Ática; 10ª edição; São Paulo, 1998.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa/** Nilce Sant’Anna Martins. – São Paulo: T.A Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MICHAELISZYN, M. Sérgio, Tomasini, Ricardo. *Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 47 – 53.

MOISES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOURA, Maria Lucia Seidl de. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**/ Maria Lúcia Seidl de Moura, Maria Cristina Ferreira. – Rio de Janeiro: Eduerj, 2005, p. 91 – 102.

OLIVEIRA, Sívio Roberto dos Santos. **Gamacopéia: ficções sobre o poeta Luiz Gama**. 2004. 255 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

PINHEIRO, Hélder (Org). **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011, p. 15 -58.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1993, p. 6

SILVA, Júlio Romão da. **Luís Gama e suas poesias satíricas**, 2 ed. Ver. E aum – Rio de Janeiro: Cátedra: Brasília: INL, 1981.

ANEXO - I

PACOTILHA

*Não ralhem, não façam bulha,
Que eu não sei se isto é pulha.*

(POLKA)

Se vive à janela
Moçoila gorducha,
Qual freira capucha,
Mirando o janota;
Fazendo trejeitos,
De lenço abanando,
O olho piscando –
É tola, idiota.

Se meiga donzela,
D' amor delirante,
Em lábias de amante
Segura se faz;
Põe fé no magano
Lá cede um beijinho,
Mais outro abracinho –
Está no Carcaz...

Se velha caduca,
De face rugosa,
Pretende ansiosa
Gentil namorado;
Com feias caretas
O dente arreganha
Suspira, por manha –
É triste pecado.

E tendo na boca
Postiço teclado,
Com cera pegado
Que joga e chocalha,
Das moças critica
Com sanha de fúria,
Banindo a luxúria –
Não passa de gralha.

Se tolo basbaque
Em prosa maçante
Julgando-se um Dante,
Se torna *poeta*
Sem estro e sem tino
De amor em furores,
Só fala das flores –
Precisa dieta.

E tendo na cara
 Trombudo focinho,
 Qual porco-de-espinho,
 Se faz namorado,
 Metido em funduras
 Lá geme, e suspira,
 Qual fero timbira –
 É asno chapado

Se guapo marido
 Rapaz de bom gosto
 Vai pelo sol posto
 Jogar seu pacau;
 Deixando a *metade*
 Contente, alegrinho,
 Não vê que o vizinho...
 Coitado, é patau!

Mas sendo avezado
 À tal brincadeira,
 Quindim, frioleira,
 Lhe chama – brejeiro –
 Na frase do mundo
 Não passa de tolo;
 Tem frente e miolo
 De manso Cordeiro.

Se trôpego velho,
 De queixo caído,
 Dendoso e rendido,
 Com moça se liga:
 Lá quando mal cuida
 Na frente lhe saltam,
 Relevos que esmaltam,
 Em forma de espiga.

Se rapa o que pode
 Finório empregado,
 Campando de honrado,
 Cuidando que brilha;
 Em dia aziago
 Tropeça, baqueia,
 E vai, na cadeia,
 Juntar-se à quadrilha.

Se impinge nobreza
 Brutal vendilhão
 Que sendo *Barão*
 Já pensa que é gente;
 Aqueles que o viram
 Cebolas vendendo,
 Vão sempre dizendo –
 Que o lorpa é demente[.]

Se em peitos que fervem

Infâmias tremendas,
Avultam comendas
E prêmios de honor;
É que, com dinheiro,
Os rudes cambetas
Se levam das tretas
E mudam de *cor*.

Se fino larápio
De vícios coberto,
Com foros d'esperto
De honrado se aclama;
É que a ladroeira[,]
Banindo o critério,
Firmou seu império
C'o *gente de fama*.

Se audaz rapinante
Fidalgo ou Barão
Por ser figurão,
Triunfa da Lei;
É que há magistrados
Que empolgam presentes
Fazendo inocentes
Os manos da grei.

Mulato *esfolado*
Que diz-se fidalgo,
Porque tem de galgo
O longo focinho;
Não perde a *catínga*,
De cheiro falece,
Ainda que passe
Por bráseo cadinho.

E se eu que pretocio
D'Angola oriundo,
Alegre, jucundo,
Nos meus vou cortando;
É que não tolero
Falsários parentes,
Ferrarem-me os dentes,
Por brancos passando.

ANEXO - II

FARMACOPÉIA

Temos pimenta
 Grato elixir,
 Que os vícios cura
 Sem afligir;
 Também sementes
 De dormideiras
 Que empáfias cura,
 E frioleiras.

Primores d' além sec'lo, já caducos,
 Focinhudas raposas estufadas,
 Vinde ao vasto armazém de Citeréia,
 Reformar as caraças desbotadas.

Temos carmim
 Que a face enrubra
 Sem que a velhice
 Fatal descubra,
 Belos chinós –
 Para as *palpavas* –
 Que encobre a cuia
 Das que são calvas.

Para o velho que sofre d'enxaquecas –
 Trovões e pataratas de barriga,
 Em seco fuzilando, sem proveito,
 Para o fero Esculápio que o fustiga –

Temos seringas,
 Lá do Pará,
 Água de Celtz,
 Mas feita cá;
 Raiz saudável
 Do almeirão,
 Que cura tosse
 E catarrão.

Estulta rapariga, apavonada,
 Que campa de Doutora e sabichona,
 Cuidando, por saber *Paulo de Kock*,
 Que os foros já não tem de toleirona –

Venha que temos,
 Para lhe dar,
 Rotos calções
 P'ra consertar:
 Velhas ceroulas,
 Uma vassoura,
 Que a fama elevem
 Da tal Doutora.

Matuto que se mete a saberete,
 Esquecido do milho e das abóboras,

Não sabendo escrever seu próprio nome,
Arrota que tem lido grandes obras –

Oh! Para este
Temos arreio,
Albarda, esporas,
Cabresto e freio;
E se contente
Se não mostrar,
Rebenque n'ele
Toca a marchar.

Marido que a consorte não recata,
Entregue ao desvario, ao desatino;
Que na pândega alegre não repara
A figura que faz de – *Constantino* –

Tem sortimento,
Já reservado,
Grinalda e gorra,
Chapéu-armado;
Barrete, à moda,
Com dous raminhos,
Para descanso
Dos passarinhos.

Para as damas perluxas d' alto bordo,
Que servem, nos salões, de figurinos,
Enfeitadas bonecas de vidraça
Que alucinam os *Vates colibrinos* –

Lindos toucados,
De seda fina,
Tendo na frente
Alva cortina;
E outros muitos
Com reposteiros,
Que também servem
De mosqueteiros.

Para as belas amantes do *posticho*,
Que metem barbatanas pela saia,
Onde o vento brejeiro, remexendo,
Deixa ver as perninhas de lacraia -

Temos balões,
Torcida e gás –
Estopa grossa
Com água-rás;
E de farelos
Um travesseiro,
Para enfunar
O alcatreiro.

Para o tolo mancebo desfrutável,
Que cem moças namora de pancada;
E julgando-se Adônis – na beleza,
De perfumes se borra, e de pomada –
Casa de orates

Dieta e bichas,
 Cranco rapado,
 Lambadas fixas;
 Camisa longa,
 Purga de sal,
 Que a bola afresca,
 E cura o mal.

Para o torpe jornalista que não sente,
 A pena mergulhada na desonra;
 E de vícios coberto, o saltimbanco,
 Só trata de cuspir na alheia honra –
 Prudência e tino,
 Critério e siso;
 Também vergonha,
 Se for preciso:
 E se esta dose
 Lhe não bastar
 Um bom cacete
 Para o coçar.

Para os finos garotos, e *filantes*
 De cigarros de palha, ou de charutos,
 Que levam noute e dia a *pedinchar*,
 De carinha lavada, e muito enxutos –
 Um – já não tenho
 Aos tais *flaudérios* (sic)
 Que o mais é bucha –
 Fora gaudérios! –
 E se teimarem
 Com tal chincar,
 Um *quebra queixos*,
 P'ra os desmamar.

Para os velhos carolas, marralheiros,
 Que afetam de santinhos – só de dia;
 E sendo noute velha – encapotados
 Não resistem de amor à fanfúrria –
Cheiroso banho
 D'alta janela,
 Que os ponha a trote,
 Fugindo d'Ela;
 Topada e queda,
 Nariz quebrado,
 Um bom vergalho,
 Mas bem puxado.

Para o filho de pai *agonçalado* (sic)
 Sem brio, sem saber, sem criação;
 Que os velhos venerando não respeita,
 Entre ovelhas mostrando-se leão –
 Quartel, chibata,
 Marinha ou praça,
 Que um cordeirinho

O lobo faça;
 E se o tratante
Não for barão,
 Morada grátis
 Na Correção[.]

P'ra o ancho protetor das letras pátrias,
 Mais caótico que o chisme – no *fintar*,
 E que cheios *d'oral filantropia*,
 Os impressos chupita, sem pagar –
 Um santo leve,
 Uma defesa;
 Um *patuá*
 Contra a esperteza;
 E se o maçante
 Inda insistir,
 Sebo nas pernas –
 Toca a fugir.

Para o gênio sagaz de um *pai da pátria*,
Amante da pobreza desvalida,
 Que *lambisca* aos patetas o que pode,
 E lá mete n'aljaba fementida –
 Uma denúncia,
 Com documentos,
 Onde as *ratadas*
 Pulem aos centos.
 Depois da cadeia,
 Calceta no pé;
 Que é cousa santa
 Contra o *filé*.

.....
 Mas basta; ó Musa minha, não prossigas,
 D' alguém desagradar já me arreceio;
 Termina, mas falando dos trovistas,
 Que malham com furor no vício feio.

“Bem do roixo,
 “Tomam café,
 “Pitam charuto,
 “cheiram rapé
 “Jogam pacau,
 “Truque, manilha;
 “Quando Deus quer,
 “Também o *pilha*”.

